

“Melhores Práticas para Missões para Igrejas WAGF”

1. Fundamentos da Teologia das Missões
2. Melhores Práticas para a função e administração de Missões Envio de estruturas/agências.
3. Melhores Práticas de Envolvimento de Missões entre os conselhos e igrejas do WAGF

Parte 3:

Melhores Práticas de Envolvimento em Missões entre os conselhos e igrejas do WAGF.

(Estes 13 pontos foram trabalhados em Londres, janeiro de 2020 e revistos pela comissão em Miami em 2022)

(Duas reuniões em Madrid e Dublin foram adiadas por causa do Covid)

(Grupo de Ação: Uche Ama (Nigéria), Rick Cunningham (Roménia) Alan Johnson (Tailândia), Arto Hamalainen (Finlândia) Delonn Rance (EUA), Rob Shipley (CIS AGWM AD), e Brad Walz

Conteúdos e Ordem

1. Protocolos para enviar e receber (Páginas 3-4)

2. A nossa resposta aos grupos de pessoas não alcançadas (Páginas 5-6)

Porque não devemos enviar missionários apenas para onde a igreja já é forte, mas concentrar-nos tanto como possível (sem tentar forçar o chamado do Espírito Santo) para os povos menos alcançados.

3. Respostas de compaixão como parte de uma missão “holística”. (Páginas 7-9)

Ambas as razões pelas quais devemos incluir respostas de compaixão na nossa atividade missionária, mas também salvaguardas para evitar que isto tome o lugar da declaração do evangelho através da pregação, plantação de igrejas, etc.

4. Negócios como Missão como resposta à Grande Comissão (Páginas 10-12)

A viabilidade para alguns que o BAM proporciona, mas a prudência de que não é “para todos” e que deve não se tornar uma “alternativa” ao apoio e doação da igreja local.

5. Ver o “Campo de Missão tornar-se uma força missionária” (Páginas 13-15)

A importância dos novos remetentes, que cada igreja nacional deve ter um paradigma para responder à Grande Comissão, e que os remetentes tradicionais devem afirmar melhor isso e não ser um empecilho com os velhos paradigmas.

6. "Igreja indígena" (Páginas 16-17)

Reafirmam que foi isto que conduziu a uma resposta tão forte no A/G, e não deve ser substituído por modismos, e os novos remetentes devem também respeitar esta filosofia que tem sido produtiva.

7. Equipas de Missões de Curto Prazo (Páginas 18-19)

A validade das mesmas, mas a importância de as ter como um meio para atingir um fim e não como um foco que torna-se um fim em si mesmo e a única expressão a que um país ou uma igreja local responde.

8. Oportunidades da diáspora (Páginas 20-22)

É sensato responder à diáspora como uma forma de plantar e fazer missões; contudo, se é a nossa única resposta às missões, é uma visão curta na resposta à Grande Comissão.

9. A importância das estruturas de envio de missões (Páginas 23-27)

Quando uma igreja local envia em vez de uma agência de missões, deve entender-se que a razão para o fazer não deve ser justificada por Actos 13 e também sem agências de missões, a maioria das igrejas é incapaz de responder à Grande Comissão.

10. Membros Cuidados (Páginas 28-29)

A importância de ter um tratamento adequado dos membros nas nossas estruturas de envio, e como bem para considerar opções para responder numa situação de crise.

11. Formação de uma Igreja Nacional (Páginas 30-31)

Separados da reafirmação da filosofia da igreja indígena, lembrando-nos que onde não há obra nacional, o objetivo a longo prazo é formar primeiro igrejas locais e eventualmente uma obra nacional.

12. Estruturas de Formação (Páginas 32-34)

A importância de ter uma boa formação

13. Seleção missionária (Páginas 35-37)

Algumas medidas práticas chave a considerar pelas agências, especialmente as novas, ao aceitarem novos candidatos a missionários.

Protocolos de Envio e Recepção de Missionários para Agências de Missões Associadas a as Assembleias Mundiais da Irmandade de Deus.

Este documento procura facilitar o envio de missionários das Assembleias de Deus e fortalecer as relações entre a igreja nacional recetora (onde uma existe), outras agências missionárias “semelhantes” e o seu pessoal, e o missionário.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Trabalho de Melhores Práticas.

Justificação:

O envio de cada missionário é único. Os participantes no processo de envio devem ser suficientemente flexíveis para responder à direção do Espírito Santo no que diz respeito às necessidades tanto do missionário como da obra missionária. Mesmo que a ética ministerial se aplique ao nível das igrejas locais, também a ética missiológica se aplica ao relacionamento entre as igrejas nacionais, os seus representantes, e os missionários das Assembleias de Deus a nível mundial. Isto exige o respeito pela autoridade autónoma de cada igreja nacional, afirmando ao mesmo tempo que Jesus Cristo é o Salvador da colheita e a autoridade final no envio missionário.

Princípios Gerais e Observações:

1. Como membros das Assembleias de Deus, a nossa principal lealdade eclesial é para com as nossas fraternidades de Assembleias de Deus, conselhos e redes. Devemos identificar-nos como tal, mesmo quando não existe benefício ou vantagem pessoal imediata ou óbvia.
2. As situações podem justificar acordos de cooperação com outras agências, se compatíveis com os princípios doutrinários e a filosofia de trabalho das Assembleias de Deus. Dado que acordos de cooperação com agências não-Assembleias de Deus podem estabelecer precedentes que afetam outras Assembleias de Deus que enviam igrejas, recomenda-se que qualquer nação de envio que procure entrar num acordo de cooperação consulte primeiro a comissão de missões do WAGF.
3. Na política das Assembleias de Deus, as agências missionárias, departamentos ou administrações são responsáveis pelo envio do missionário sob a autoridade da comissão executiva nacional (por exemplo, toda a correspondência oficial das missões deve ser assinada pelo presidente das missões) e a comissão executiva nacional da igreja recetora é responsável pela recepção do missionário.
4. Dado que o envio de um missionário para uma nação pode afetar outras igrejas enviadoras das Assembleias de Deus, a comunicação e cooperação com a Comissão de Missões do WAGF é vital.
5. A Comissão de Missões do FMA é uma rede de liderança missionária para promover e facilitar os movimentos missionários das igrejas nacionais do FMA, e não uma agência missionária. Os responsáveis pelo envio de missionários são os departamentos, agências, e administrações das igrejas nacionais de envio.
6. Disposições práticas: Desde o início, cada igreja plantada e ministério estabelecido pelos missionários deve aderir aos princípios das igrejas indígenas e ser infundida de visão e compromisso missionário, com vista a organizar-se contextualmente com outras igrejas locais AG, resultando numa comunhão/igreja nacional organizada.

Melhores Práticas para o Envio e Recepção de Missionários (Progressão Potencial de Atividades):

1. **Que pessoas ou lugar:** O interesse inicial num contexto específico pode surgir de várias formas, incluindo, mas não se limitando a: um apelo específico recebido por um candidato missionário, um pedido da igreja recetora, contactos entre líderes no WAGF ou outros eventos internacionais, a influência de uma comunidade da diáspora, um evento internacional dos media, ou proposto como parte de um plano estratégico de missões da igreja nacional.
2. **Procurar contactos locais:** Comunicar com a comissão de missões do FSM para encontrar contactos das Assembleias Mundiais de Irmandade de Deus no grupo de pessoas, nação ou região (por exemplo, o superintendente nacional e/ou comité executivo, outras agências da AG ou missionários ao serviço do grupo-alvo) ou outras fontes de informação sobre as atividades missionárias atuais ou projetadas na nação ou grupo de pessoas recetor.
3. **Cartas de recomendação:** Para facilitar as ligações e relações fraternas, a comissão de missões do AG pode emitir uma carta de apresentação para o presidente de missões da nação de envio para apresentação à liderança nacional e/ou contactos na nação ou região recetora.
4. **Viagem exploratória:** Se possível, realizar uma viagem exploratória para fazer contacto com a liderança das Assembleias de Deus, missionários ou crentes ou, na sua ausência, com outras agências missionárias ou crentes no grupo-alvo.
5. **Comunicação oficial:** O presidente das missões da igreja de envio comunica oficialmente com a liderança ou contactos apropriados, fornecendo o currículo do candidato missionário, uma descrição de possíveis ministérios e responsabilidades do missionário, e outras informações relevantes.
6. **Disposições práticas:** Completar as providências oficiais de envio, incluindo: receber um convite oficial da igreja nacional onde existe, processar vistos e trabalho de imigração, preparar cartas de apresentação, criar meios para prestar apoio financeiro ao missionário, e preparar uma descrição formal do trabalho missionário.
7. **Notificar a WAGF:** A fim de manter a sua base de dados atualizada, comunicar à comissão de missões da WAGF informações relevantes sobre o missionário que está a ser enviado.
8. **Cooperar:** Para demonstrar unidade no Corpo de Cristo, o missionário, a igreja nacional de envio, e a igreja nacional emergente devem procurar relações fraternas com outras tradições cristãs, outras atividades de plantação de igrejas, e/ou agências missionárias ao serviço do grupo-alvo.

Conclusão:

A colheita está madura e os trabalhadores são poucos. A unidade no corpo de Cristo é fundamental para o testemunho da Igreja perante os perdidos. No seio das Assembleias Mundiais da Irmandade de Deus, a cooperação e o respeito mútuo no envio e recepção de missionários influencia criticamente a sua eficácia no cumprimento do mandato missionário de fazer discípulos de cada nação.

Nota importante: Este é um resumo executivo de 2 páginas de um documento de 29 páginas, que dá muito mais detalhes e orientação.

A nossa resposta aos grupos de pessoas não-alcançadas

No envio de missionários, tornar prioritário o envio a povos onde não exista uma igreja bíblica crente indígena entre esse grupo de pessoas, ou seja, tão pequena que o grupo de pessoas necessite de assistência externa para alcançar a sua sociedade e para além dela.

Justificação:

Seguindo a priorização paulina das "regiões e povos além", (Rom. 15:20; II Cor. 10) devemos concentrar-nos tanto quanto possível no envio de missionários aos povos que têm pouco ou nenhum acesso ao evangelho, sem limitar o apelo do Espírito Santo.

Parte 1: Observações Gerais: Porque precisamos de dar prioridade ao nosso envio a povos e lugares com pouco ou nenhum acesso ao Evangelho?

Primeiro, porque faz inequivocamente parte da missão redentora de Deus. Desde Gênesis 12:3, todas as famílias da terra serão abençoadas, à visão profética das nações que correm para adorar Yahweh em Sião, às cinco Comissões do Novo Testamento para discipular, pregar, ir como o Pai enviou Jesus aos confins da terra, à visão final em Apocalipse 5:9 e 7:9 onde representantes de cada tribo e língua e povo e nação se encontram em adoração perante o trono.

Segundo, por causa dos dados atuais, sabemos onde a Igreja não existe ou é extremamente pequena. Portanto, não podemos estar perante o tribunal de Cristo e alegar ignorância, e seremos duramente pressionados a explicar como não derramámos oração, recursos, e missionários em povos e lugares que não têm acesso ao evangelho.

Em terceiro lugar, o Espírito Santo é o Espírito da colheita. Atos 1:8 é a nossa palavra de ordem - quando o Espírito vem, recebemos poder para sermos suas testemunhas nas partes mais remotas da terra. É inconcebível que o Espírito Santo, que ama todas as pessoas e não está disposto a que ninguém pereça, não esteja a chamar operários para os campos de colheita dos menos alcançados.

Finalmente, somos chamados a seguir o modelo Paulino, proclamando o evangelho "às regiões do além" (II Cor. 10:16), onde "Cristo ainda não foi nomeado" (Rom. 15:20-21). Por conseguinte, a Igreja é encarregue e obrigada a envolver povos e lugares fronteiriços com o evangelho.

Parte 2: Melhores Práticas para Engajar os Povos e os Lugares com Pouco ou Nenhum Acesso ao Evangelho.

1. Recomendamos que cada órgão constituinte dentro do WAGF defenda e sensibilize até ao fim que cada igreja local e crente esteja consciente da existência e prioridade de povos e lugares com pouco ou nenhum acesso ao Evangelho, tanto globalmente como dentro das suas próprias fronteiras geopolíticas.
2. O principal método de envolvimento missionário entre os povos e lugares com pouco ou nenhum acesso ao evangelho é o destacamento missionário a longo prazo, sustentado, na cultura, que resulta na multiplicação de discípulos e na plantação de movimentos eclesiais indígenas.

3. Cada organismo constituinte deve desenvolver processos de formação que produzam missionários capazes de disciplinar e plantar movimentos eclesiais indígenas entre os povos e lugares com pouco ou nenhum acesso ao evangelho. Não podemos assumir que as pessoas treinadas para ministrar num ambiente eclesial existente estejam equipadas para trabalhar entre os "menos alcançados".
4. As estruturas de envio de missões devem criar oportunidades para expor a igreja e futuros candidatos a missionários e representantes que trabalham no contexto fronteiriço. Além disso, deveriam oferecer viagens de curto prazo aos "menos alcançados". Isto ajudará a facilitar o compromisso com a prioridade de responder aos povos e lugares com pouco ou nenhum acesso ao evangelho.
5. Nos casos em que o compromisso de missões residentes de longo prazo não é viável, as missões não residentes como meio alternativo de envolvimento dos não alcançados são bíblicas, alcançáveis e, em alguns casos, necessárias ou preferíveis.
 - As missões não-residentes são bíblicas. Paulo, por vezes não pôde permanecer por longos períodos na maioria dos locais onde plantou igrejas.
 - As missões não-residentes podem ser um meio estratégico para alcançar povos e lugares de acesso restrito com o evangelho.
 - Exemplos:
 - Uma igreja nacional emergente perto do Irão tem-se empenhado com muito sucesso em missões não-residenciais entre os iranianos, utilizando uma variedade de meios. Eles plantaram múltiplas correntes de igrejas dentro do Irão que são de múltiplas gerações.
 - Por vezes os crentes discipulados noutro país sentirão um apelo ao regresso à sua pátria Natal, e podem ser fundamentais para se tornarem defensores da plantação ou fortalecimento da igreja.

Recursos a considerar que fornecem informações sobre as UPG's.

Compaixão em Missões

A compaixão de Deus foi belamente expressa através da vida e ministério de Jesus Cristo na cura dos doentes, libertação dos oprimidos, ressurreição dos mortos, alimentação dos famintos e proclamação do evangelho. (Mat. 11) Seguindo o exemplo de Jesus, Paulo e a Igreja do Novo Testamento também responderam com compaixão às necessidades humanas, tal como o Espírito o ordenou. Ao seguirmos esse exemplo bíblico, as entidades missionárias do WAGF procurarão capacitar a igreja para responder a todo o sofrimento humano, mas especialmente ao sofrimento eterno, através da declaração do evangelho através da pregação e da plantação da igreja.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação de Melhores Práticas

Justificação:

A relação entre a proclamação e a preocupação social é uma questão bíblica, histórica e actual. A compaixão tem a ver com "como" vivemos as nossas vidas em missão, não com o "porquê de nos envolvermos" em missões.

Parte 1: Uma Teologia do Ministério da Compaixão e o Papel dos Trabalhadores Transculturais; o papel da Igreja no Mundo:

É nossa crença que o Evangelho transforma o coração humano e devolve o valor à vida. Isto é essencial para uma verdadeira elevação social sustentável. O evangelho é o agente de mudança mais eficaz porque traz transformação pessoal, verdadeira dignidade humana, e capacita os indivíduos, através do Espírito Santo, a mudar não só as suas próprias vidas e as da sua família, mas também o ambiente social e económico em que vivem.

A Igreja ver-se-á sempre confrontada com o sofrimento humano e a alienação. Em obediência à missão de Deus, a Igreja deve cuidar da viúva, do órfão, do doente, do pobre, do refugiado, do migrante e do prisioneiro. A presença de Cristo mediado através da sua Igreja pode e deve trazer esperança aos famintos, aos sedentos, aos sem abrigo e aos desamparados. Respondemos de uma forma que respeita todas as pessoas independentemente da raça, género ou estatuto social e acreditamos que todas as pessoas têm um valor intrínseco e dignidade dada por Deus.

A Missão da Igreja e as Expressões de Compaixão:

O trabalho da banda missionária paulina foi o de plantar igrejas *que pudessem então participar na missão de Deus no seu sentido mais amplo*. Isto inclui cuidar dos pobres e marginalizados dentro da sua própria comunidade e para além dela e encarnar o testemunho profético do mundo do governo de Deus agora e na sua plenitude futura. O nosso compromisso com a indignidade significa que valorizamos e encorajamos a primazia e instrumentalidade do envolvimento local da Igreja para responder às necessidades sociais. *Isto exige que o trabalhador transcultural veja o seu papel como catalisador por natureza para encorajar, promover e equipar a Igreja para respostas compassivas e soluções sustentáveis para as injustiças sociais.*

Como agências missionárias que enviam trabalhadores transculturais, relacionamo-nos com a rutura e as injustiças do nosso mundo como uma banda missionária apostólica cujo trabalho prioritário é:
proclamar o evangelho do Reino em palavras e atos

a fim de plantar igrejas indígenas onde não existem movimentos de plantação de igrejas viáveis resultando em comunidades de fé locais
que são transformados pelo Espírito e são sinal do reino vindouro
que estendem uma mão de compaixão aos destituídos e oprimidos,
e proclamar uma mensagem profética através de palavras e atos, desafiando as injustiças sociais.

A tarefa principal dos missionários transculturais não é lidar com questões sociais como ministério autônomo, mas plantar e depois trabalhar com igrejas locais para estrategizar, equipar e capacitar os membros locais para fazer o ministério. Há cada vez mais provas em todo o mundo de que este tipo de prática tem produzido movimentos eclesiais indígenas que têm produzido uma verdadeira transformação social.

Nós declaramos: "O maior ato de compaixão é plantar uma igreja local".

Parte 2: Melhores Práticas para o Envolvimento Missionário no Ministério da Compaixão:

Como agência missionária que envia trabalhadores para plantar e fortalecer a igreja, envolvemos as necessidades humanas principalmente através da criação de novas comunidades de fé e da parceria com elas na expressão do amor e compaixão de Deus, tanto dentro como fora do lar da fé. Isto significa que os nossos missionários e equipas transculturais devem cultivar todos os dons dados pelo Espírito e incorporá-los de uma forma integradora.

Eis algumas práticas integrativas para obreiros transculturais que estão envolvidos no ministério da compaixão:

1. Os ministérios de compaixão resultantes de preocupações sociais devem sempre começar com e incluir a escuta do que o Espírito Santo nos está a dizer.
2. A missão inclui o cuidado amoroso e compassivo, que é uma consequência natural da nossa vida espiritual; contudo, a Bíblia é clara na sua ênfase na salvação eterna recebida por ouvir e responder às boas novas.
3. A nossa missão é melhor cumprida quando os obreiros locais fazem parceria com a igreja indígena para desenvolver visão e estratégias para as necessidades da sua comunidade enquanto ouvem o Espírito. Trabalhar com a igreja indígena permite responsabilidade, engenho local, estabilidade social, e sustentabilidade.
4. O objetivo continua a ser fazer discípulos e plantar igrejas ministrando em palavras, atos e sinais ao corpo, alma e espírito - nunca para criar e manter apenas um programa ou um ministério social.

Melhores Práticas Recomendadas para Praticantes do Ministério da Compaixão:

Estes praticantes devem ser:

- Trabalhadores cristãos maduros comprometidos com a verdade do evangelho, têm uma compreensão básica da missiologia bíblica e têm estudado os princípios do desenvolvimento da comunidade cristã.
- Empenhados na parceria com a liderança da igreja nacional e local, para que a compaixão de Cristo seja vista como uma extensão dos crentes locais e não como uma agência parceira externa.
- Respeitoso com a liderança da igreja local e procura capacitar e fortalecer aqueles que serão responsáveis pela implementação e sustentabilidade a longo prazo de quaisquer intervenções.
- Familiarizados com métodos eficazes de formação de discípulos e de plantação de igrejas, particularmente para o contexto local em que trabalham.

- Considerar a aquisição de línguas uma vantagem importante e como o tempo permite fazer esforços para aprender a língua local.
- Estudar os costumes culturais, comportamentos, valores, crenças, e visão do mundo do contexto local na maior medida possível. Todas as intervenções num grupo de pessoas (espirituais, sociais, técnicas, económicas ou educacionais) levam uma mensagem que deve ser compreendida e interpretada a partir da visão de mundo da cultura anfitriã.
- Avaliar regularmente todo o ensino pela sua adequação cultural, correção bíblica, e especialmente pela perceção que a cultura anfitriã tem da mesma.
- Assegurar que a capacidade das organizações ou o conjunto das suas competências não são o único fator que molda a conceção do programa.
- Nunca fazer pelos outros (especialmente os pobres) o que eles têm (ou poderiam ter) a capacidade de fazer por si próprios.
- Pedir às pessoas que identifiquem o que é importante para elas e listar a forma como vêm as suas necessidades.
- Ouça atentamente aqueles que procura ajudar, especialmente o que não está a ser dito - sentimentos não ditos podem conter pistas essenciais para um serviço eficaz.
- Evite a distribuição de "bens gratuitos", exceto em situações de catástrofe/emergência.
- Trate cada pessoa com dignidade e respeito, como pessoas feitas à imagem de Deus.
- Trabalhar com as pessoas locais e dar-lhes poder para defenderem os seus próprios direitos.
- Conduzir avaliações regulares das atividades ministeriais, fazendo perguntas tais como:
 - É sustentável no contexto local?
 - É uma resposta apropriada à situação ou necessidade?
 - Irá trazer mudanças duradouras ou pelo menos abrir a porta a potenciais mudanças a longo prazo?
 - Irá reforçar ou enfraquecer o testemunho cristão da igreja local na comunidade local? (Se existir uma igreja. Se não considerar a potencial igreja do futuro).
 - Será uma expressão autêntica do reino de Deus, ou apenas uma boa ideia?
 - É baseada numa compreensão clara das necessidades locais mais significativas? (Deve ser realizada uma avaliação participativa das necessidades e oportunidades com base em bens)
 - Houve boa comunicação com a comunidade local e com os beneficiários propostos para o projeto?
 - Como é que a comunidade local tem estado envolvida na formação das ideias que sustentam a conceção do projeto?
 - Quais são as medidas de impacto social e missionário para o projeto? Como e quando serão estas avaliadas?
 - Existe um plano de monitorização do progresso do projeto?
 - Foi posto em prática um meio de responsabilização financeira?
 - Existe integridade e veracidade na forma como o ministério ou projeto é promovido e relatado? Foi tomado o cuidado de evitar a exploração de indivíduos ou grupos nos meios de promoção e reportagem?
 - Pensou nas possíveis consequências involuntárias da sua proposta de intervenção?
 - O projeto irá potencialmente resultar numa dependência debilitante ou poderá proporcionar um caminho para a auto-sustentabilidade?

(www.tearfund.org/tilz)

Conclusão:

Tal como Jesus, como guiado pelo Espírito para expressar compaixão às pessoas necessitadas, assim também a Igreja deve seguir o seu exemplo. servir os outros, comunicando o evangelho em palavras, obras e sinais, para que mulheres e homens encontrem Cristo como Salvador e Senhor.

Grupo de Ação de Melhores Práticas da Comissão de Missões do WAGF
Número 4:

Negócios como Missão como Resposta à Grande Comissão

No contexto apropriado, a BAM pode fornecer acesso a lugares e povos, bem como um "guarda-chuva", mas não deve ser um substituto para o envio e apoio de missionários de carreira "tradicionais". (BAM é um termo popular utilizado atualmente. Mas muitos destes mesmos princípios aplicar-se-iam aos ministérios "Tenda" ou "Bi-vocacionais").

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação de Melhores Práticas

Justificação:

Ao procurar fontes a partir das quais se pode extrair este documento, depara-se imediatamente com uma grande diferença entre a forma como o BAM é definido e praticado por muitos dos que escrevem sobre o assunto e os praticantes missionários pentecostais enviados pelas Assembleias de Deus. (Os recursos oferecidos pelo website BAM Global contêm títulos como a Criação da Riqueza e a Mordomia da Criação, Papel da Igreja na Criação da Riqueza, e Criação da Riqueza e os Pobres. Estes tópicos são representativos da maioria dos materiais disponíveis no BAM a partir de uma variedade de fontes).

Contraste isto com uma lista de objetivos do BAM de um praticante missionário pentecostal. Ao referir as razões pelas quais se envolve no BAM, nota o acesso às oportunidades perdidas e não alcançadas, oportunidades de vistos, bases seguras para a plantação de igrejas, e credibilidade e um meio de justificar a presença entre as pessoas que as acolhem

Diretores Gerais e Observações:

1. O BAM como foco tem crescido muito nos últimos anos.

Pode quase ser considerado uma "moda" por alguns, na medida em que é algo recente em foco, e de que agora se fala frequentemente. Há princípios e filosofia ligados ao BAM que são úteis para o nosso trabalho. Há também alguns extremos que devem ser cautelosos em abraçar e equilibrar para que o nosso **discípulo que faz a plantação de igrejas não seja diluído ou desviado.**

2. Princípios e pontos de ênfase em BAM que são úteis para a nossa visão e trabalho.

- A Comissão de Missões do WAGF veria o BAM estritamente focalizado como um meio, ou plataforma para missionários, tornando possível, ou ajudando, o processo de fazer discípulos, e plantar igrejas entre os povos e lugares com pouco ou nenhum acesso ao evangelho.
- Ponto de ênfase: Acesso. Todas as nações geopolíticas da Terra se envolvem em negócios. Além disso, a globalização e a democratização dos negócios aumentaram tanto a amplitude como a profundidade sócio-económica da interação internacional. Enquanto os proprietários de empresas e

¹BAM Global, <https://bamglobal.org/reports/>

Os gestores de alto nível interagiram durante muito tempo para além das fronteiras internacionais, compromissos internacionais frequentes tornaram-se agora comuns em múltiplos níveis de responsabilidade de emprego e negócios. Por outras palavras, um número crescente de pessoas, a partir de múltiplos níveis de responsabilidade, estão a experimentar uma interação crescente com pessoas de outras nações através de relações empresariais e comerciais. Tudo isto significa que o envolvimento em negócios proporciona acesso a pessoas e lugares que simplesmente não existem de outra forma. A maioria das nações que rejeitam ou restringem os trabalhadores da igreja ou missionários, permitem, e em alguns casos encorajam, a presença contínua de estrangeiros para negócios. Ao envolver-se em negócios, a igreja ganha acesso a povos que, de outra forma, ficariam isolados dos missionários.

- BAM inclui crentes em Cristo, cujo trabalho os leva a povos sem acesso ao Evangelho. Devem ter o poder de testemunhar a sua fé através de práticas éticas nos negócios e no envolvimento com essas comunidades.

3. Algumas das preocupações relacionadas com a filosofia e literatura do BAM.

- Muito do que se escreve sobre o BAM tende a ver coisas como o florescimento humano e a preservação do ambiente como missão, com tanta pretensão sobre o foco missionário da igreja como a proclamação do Evangelho e a formação de discípulos. Embora coisas como o florescimento humano e a saúde ambiental possam de facto ser incluídas na missão de Deus através de Cristo e representem perseguições dignas, não as vemos como o principal propósito ou vocação das Assembleias Mundiais da Irmandade de Deus, ou dos seus membros constituintes representados na Comissão de Missões. A opinião mais amplamente abraçada entre os Pentecostais é que existem questões significativas, tais como o "florescimento humano", que fazem parte da missão de Deus mas não são primordiais para a missão da igreja, tal como expressa por Cristo nas suas várias declarações de comissionamento.
- Algumas das literaturas do BAM apresentam o "auto-sustento" como uma prioridade e mesmo um exemplo bíblico como por Paulo e "construção de tendas". Uma posição extrema seria que este é um meio preferível de apoio missionário, a fim de não depender de ofertas ou igrejas. A tentação de encorajar o ministério "bi-vocacional" pode ser especialmente forte em países onde existe uma economia mais fraca e a percepção de que a igreja não tem a capacidade de apoiar plenamente os missionários. No entanto, pelo simples número de crentes, poderiam facilmente enviar missionários se a igreja respondesse com paixão, empenho e Acção. Promover o BAM como uma alternativa porque se acredita que a "igreja não o pode fazer", ou "não tem maturidade para cumprir os compromissos", não é uma boa motivação para considerar o BAM como um veículo para ir a outras nações e culturas.

4 Melhores Práticas para o BAM

- As empresas criadas devem oferecer bens ou serviços legítimos (e não uma concha para outra coisa). Os empreendimentos BAM devem ser rentáveis, sustentáveis e construídos com base num plano de negócios bem construído. Não endossamos negócios mal concebidos ou desonestos feitos em nome de Cristo e da Sua missão.
- Os projetos BAM devem funcionar com a máxima integridade, honestidade, administração bíblica e responsabilidade.
- Os projetos BAM devem existir com o objetivo último de fazer discípulos e plantar a igreja.
- Cada pessoa do BAM deve ser devidamente treinada.
- Cada pessoa do BAM deve ter o apoio espiritual de uma igreja ou agência de envio.
- Embora o conceito BAM possa ser uma estratégia bíblica (Exemplo: Paulo e construção de tendas), não deve excluir a oferta de missões ou o envio missionário pela Igreja. Embora o sucesso empresarial e a rentabilidade do BAM sejam cada vez mais relatados entre os missionários, e haja um grande potencial para criar riqueza para fins missionários, o BAM nunca deve ser utilizado como

um

substituição completa do envolvimento do corpo mais amplo da igreja no financiamento da missão da igreja. Uma igreja que está a dar às missões será uma igreja que está a rezar pelos missionários.

- O BAM e a sua utilização dos lucros devem ser estruturados de modo a desencorajar abusos ou migração do foco da plantação da igreja para o ganho pessoal, e da dependência e dependência do Espírito para a independência.
- Embora o BAM possa ser utilizado como meio de justificar a presença dos missionários num determinado contexto, nunca deve tornar-se o objetivo final ou o cumprimento do papel dos missionários. Esta é uma tentação maior do que pode parecer à primeira vista. Os missionários que lutam para aprender a linguagem e enfrentam a resistência dos seus esforços para proclamar o evangelho podem ser tentados a atirar-se, aos seus esforços e paixões para um papel empresarial. Isto manifesta-se em missionários dando cada vez mais energia mental e tempo de trabalho no negócio e menos recursos envolvendo o evangelho com as pessoas da sua vocação.

Conclusão - Pontos-chave a considerar:

1. Um benefício frequentemente negligenciado do BAM é a sua capacidade de envolver um espectro mais amplo do corpo de Cristo em missões. Os empresários que historicamente têm visto missões em categorias mais tradicionais de ministério, ensino, ou cuidados de saúde, têm agora a oportunidade de trazer os seus dons e experiências para as missões através do BAM.
2. Os bons projetos do BAM são aqueles que **dão acesso às pessoas**. Algumas empresas são bastante boas a gerar lucro e são fáceis de justificar na comunidade empresarial local, mas produzem muito pouco contacto com a população local ou alvo. O acesso, e a oportunidade de envolver os perdidos e não alcançados, são o maior ativo fornecido por qualquer BAM.
3. O BAM deve servir a missão de estabelecer a igreja entre todos os povos, em vez de ser um fim em si mesmo. Embora compreendamos que alguns possam discordar desta posição e, como os referidos na parte inicial deste documento, ver o negócio em si como a missão, esta não é a nossa posição. Embora apreciando os benefícios de negócios conduzidos de uma forma ética e semelhante à de Cristo, comprometemo-nos no BAM para que Jesus seja dado a conhecer e a sua igreja seja estabelecida entre todos os povos.

Transição da Igreja Nacional para se tornar um "Grupo de Envio de Missões".

A importância de encorajar novos remetentes, agências missionárias, igrejas locais e missionários a assegurar que cada igreja nacional desenvolva uma capacidade e um plano prático para responder à Grande Comissão.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação de Melhores Práticas

Parte 1: Justificação e Observações:

Uma das maiores alegrias que podemos experimentar é ajudar uma igreja Pentecostal nacional a começar a apanhar e obedecer ao mandato de Cristo - "Ide e pregai o evangelho até aos confins da terra" - a WAGF partilha o privilégio de ajudar a nascer esta visão em novos movimentos, e continuará a encorajar uma visão "mundial" a ser ensinada, pregada e partilhada.

Historicamente, uma das expectativas normais de um movimento genuíno do Espírito Santo (Pentecostes) numa terra, vê nascer um desejo ardente de partilhar o amor de Jesus com os necessitados... primeiro em casa - mas esta visão cresce à medida que o Espírito de Deus nos abre os olhos para vermos cada vez mais longe da nossa base doméstica... e percebemos que devemos enviar missionários para alcançar aquelas pessoas e lugares com pouco ou nenhum acesso ao evangelho. No desenvolvimento de cada estrutura da igreja nacional, um dos testes de tornassol da penetração efetiva do evangelho numa cultura é o momento em que essa igreja nacional se estratifica ativamente para cumprir uma visão de missões para além das suas fronteiras. Esta é uma parte inerente do SER PENTECOSTAL!

A essa luz, é vital que as igrejas locais e nacionais compreendam a necessidade de desenvolver um plano para o envio de missionários a longo prazo. Isto faz parte do trabalho do Espírito Santo no desenvolvimento do trabalho nacional, levando-o a novos níveis de compromisso missionário como movimento; novos obreiros serão chamados a partir, e novos remetentes serão necessários. Atingir o mundo não acontecerá sem um planeamento sério por parte da igreja nacional - planeamento a nível das **prioridades!**

Parte 2: Melhores Práticas para a Transição de uma Igreja Nacional para se tornar uma "Força de Envio Missionário":

1. Uma igreja nacional deve ter a convicção de que, para ser totalmente indígena, envolve o envio de missionários em "círculo completo". Inerente à ideia de "autopropagação", inclui não só alcançar o seu próprio país, mas também alcançar o mundo. Por conseguinte, se acrescentarmos a palavra "mundial" à "autopropagação", muitas das nossas obras nacionais não são totalmente indígenas. Uma igreja torna-se totalmente indígena quando aprende a enviar.
2. Aproveitar as oportunidades de trabalho em rede e aprender com a experiência de outros países, especialmente através de eventos WAGF, fóruns e oportunidades de conhecer outros líderes.
 - Um testemunho da Roménia: *"A aceitação antecipada pela liderança da Comissão de Missões do WAGF permitiu uma polinização cruzada de ideias e um enorme avanço no desenvolvimento estrutural. A Roménia pediu "estatutos" emprestados para formar uma entidade legal (Agência da Argentina, programas de responsabilidade financeira e planeamento de El Salvador, ideias da Finlândia sobre como fazer missões, formas e estruturas emprestadas da igreja dos EUA. Estes modelos e amigos deram poder ao desenvolvimento de uma estrutura nacional que é única para o nosso próprio país e necessidades!"*

Assim, é importante ajudar a nova visão para missões a crescer numa igreja nacional, oferecendo sugestões de estruturas, diálogo com outros líderes, e desejo de ouvir falar dos passos que um novo trabalho dá.

3. Incluir o Fundamento da Visão das Missões Mundiais como parte dos eventos da igreja nacional:
 - No calendário do Conselho Geral, incluir uma sessão ou meio-dia promovendo a visão para além das fronteiras nacionais, fundição da visão de missões como parte integrante da estratégia da igreja nacional.
 - Conferências nacionais ou regionais, numa base anual, utilizando uma abordagem estruturada para ajudar as igrejas locais a praticar missões mundiais regulares.
 - Oferecendo uma estrutura nacional para o reconhecimento e formação de novos obreiros como missionários qualificados e aprovados.
 - Ajudar novos candidatos na sua primeira programação de serviço e nos seus esforços de angariação de fundos.
4. Novos remetentes podem facilitar o envio de missionários iniciais aproveitando e colaborando com equipas multiculturais de plantação de igrejas Pentecostais. Os novos esforços não têm a massa crítica necessária para enviar vários trabalhadores para o mesmo país. Podemos fazer muito mais como equipas de obreiros Pentecostais Internacionais, se aprendermos a construir pontes, a ajudar-nos uns aos outros, e a lançar a visão de missões em todas as regiões e movimentos nacionais
5. Trabalhar ao lado de outros expedidores de missões do WAGF, em cooperação sempre que possível, e em conjunto com a igreja nacional se esta existir.
6. Procurar mentores experientes, quando possível, de movimentos AG irmãos que já tenham missionários no terreno em questão. Pelo menos durante o primeiro ano de ministério, ter um mentor local sempre que possível para ajudar a encontrar sugestões de formação linguística e cultural ou procurar alojamento, etc., é de tremendo valor. Aqui podemos cooperar uns com os outros e ajudar cada equipa de envio a crescer mais forte. O mesmo se aplica ao mentor da administração da estrutura de envio das missões.
7. A nova força de envio precisa de estruturas de mobilização, formação, envio, financiamento e parceria.

Conclusão:

A tarefa missionária não pode ser concluída sem a participação de todas as igrejas nacionais e locais na Grande Comissão.

Melhores Práticas da Igreja Indígena

Os princípios bíblicos, historicamente comprovados, das igrejas indígenas fornecem a filosofia de missões com a qual a WAGF MC está comprometida.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Melhores Práticas Grupo de Ação

Justificação:

As múltiplas filosofias contemporâneas de missão não se alinham com os princípios de plantação da Igreja encontrados no Novo Testamento. Além disso, os princípios da Igreja indígena bíblicamente derivados têm sido fundamentais para o crescimento das Assembleias Mundiais da Irmandade de Deus. Por conseguinte, encorajamos os novos remetentes, bem como os remetentes tradicionais, a abraçarem estes princípios.

Parte 1: Fundamentos e Definições:

1. **Fundamentos Teológicos:** Joel profetizou a vinda de um dia, primeiro desejado por Moisés, em que todo o povo de Deus, jovem, velho, masculino, feminino, escravo e livre, seria cheio do Espírito, habilitado a proclamar as mensagens de Deus. Chegou esse dia, registado em Actos 2. Quando os crentes, entre uma multidão de outros, são chamados a dirigir o que Deus começou entre o seu povo, o empoderamento de todo o povo de Deus para a Sua obra entre as nações. O Espírito é derramado para que todos possam participar e ser feitos instrumentos da salvação oferecida em Cristo às nações. As nossas convicções sobre a igreja indígena fluem naturalmente do Pentecostalismo.

As nossas convicções Pentecostais, extraídas da Igreja do Novo Testamento exemplificada no livro de Actos, (Actos 14:23, e outras referências) são praticamente manifestadas na eclesiologia missionária usando "princípios da igreja indígena" que vêm de pessoas como Roland Allen, Henry Venn, Rufus Anderson, Alice Luce, e Melvin Hodges.

Embora o número de organizações de envio e as tradições missionárias abracem e pratiquem os princípios da igreja indígena em diferentes graus, os antecedentes teológicos desses princípios ligam-nos claramente ao Pentecostes. Os Pentecostais acreditam que o Espírito foi derramado por todos, eslavos, coreanos, franceses, Fulani e chechenos.

Os princípios da igreja indígena são historicamente resumidos como as três auto-fórmulas, auto-propagação, autogoverno e auto-suporte. Nas últimas décadas, missiólogos preocupados com algumas deficiências na amplitude e profundidade da aplicação dos três auto-fórmulas acrescentaram outras, tais como o auto-envio e o auto-teologismo. Assumiremos, contudo, que estas adições, embora valiosas, são subconjuntos de uma aplicação mais completa dos três originais.

2. **Definição:** Uma igreja indígena é uma comunidade de crentes nascidos num contexto específico que são guiados pelo Espírito e dotados do poder do Espírito para realizar os propósitos de Deus para e através dessa comunidade. Tal como as várias igrejas descritas no Novo Testamento, particularmente em Actos,

estas comunidades de fé locais e nacionais devem ser governadas pelo Espírito, apoiadas pelo Espírito, e propiciadas pelo Espírito².

Parte 2: Melhores Práticas para Missionários e Agências Missionárias:

Os princípios da igreja indígena que se concentram nas "três células" são igualmente valiosos para o novo plantador de igrejas, bem como para aqueles que se encontram a trabalhar com igrejas estabelecidas.

1. Os princípios das igrejas indígenas devem ser aplicados, na medida do possível, desde o início do estabelecimento da igreja, em vez de serem vistos como um objetivo para o qual se deve fazer a transição em algum ponto futuro do crescimento da igreja.
2. Lembre-se que a função principal do missionário é como um plantador/pioneiro de igrejas (Duas fases: a. evangelismo, b. ensino de convertidos, incluindo a formação de obreiros e líderes nacionais).
3. Um missionário é temporário em qualquer área local; a igreja, e não o missionário, deve ser o centro da obra.
4. Evitar ministérios de manutenção; priorizar a ida a novos campos.
5. Evitar medidas que possam abafar os esforços indígenas.
6. Recusar-se a ocupar uma posição que um nacional possa preencher mesmo que não seja tão experiente ou hábil no papel de missionário.
7. Evitar os ciúmes e dar a outros o poder de tomar a liderança. O ministério espiritual do missionário providenciará sempre o seu lugar adequado no corpo de Cristo, quer ele tenha ou não um cargo.
8. Ter consciência do impacto da presença dos missionários e estar preparado para se retirar no momento apropriado. Assumir novos papéis.
9. Influenciar através da liderança espiritual. Acima de tudo, deixar o missionário manter a sua posição de "homem ou mulher de Deus".
10. Os cristãos devem continuar a viver nos seus bairros e prosseguir as suas ocupações, sendo autossuficientes, e testemunhando aos seus familiares, colegas de trabalho, e vizinhos.
11. As missões só devem desenvolver programas e instituições que a igreja nacional deseje e possa apoiar. Há alturas em que um missionário desempenhará um papel de fundição de visão para ajudar a criar desejo por parte da igreja nacional.
12. As igrejas nacionais devem chamar e apoiar os seus próprios pastores.
13. Os edifícios da igreja, quando utilizados, devem ser construídos no estilo local, com dinheiro e materiais dados pelos membros da igreja. (deve notar-se que os edifícios da igreja não devem ser assumidos como uma necessidade e, em alguns casos, podem ser um impedimento ou uma causa de perseguição desnecessária).
14. Deve ser fornecida regularmente instrução bíblica e doutrinal intensiva aos líderes da igreja.
15. Todo o material de formação fundacional deve estar disponível, ser de fácil compreensão e reproduzível na expectativa dos próprios locais que fazem a formação.
16. Todos os ministérios devem ser estabelecidos de modo a poderem ser e serão dirigidos por locais

²DeLonn L. Rance, "Perspetivas Históricas sobre a Teologia da Missão Pentecostal", em Robert L. Gallagher e Paul Hertig. A Teologia da Missão Contemporânea: Engajar as Nações. Série da Sociedade Americana de Missiologia, No. 53. (Maryknoll, NY: Orbis Books, 2017), 180-190 (184).

³Os itens 2.2 - 2.9 são adaptados de: Melvin L. Hodges, The Indigenous Church (Springfield, MO: Gospel Publishing House, 1976), 126-129.

⁴Os itens 2.10 - 2.14 são adaptados de: John L. Nevius "The Nevius Plan". John Mark Terry, "Indigenous Churches", In A. Scott Moreau ed., A. Scott Moreau ed., John Mark Terry, "Indigenous Churches". Evangelical Dictionary of World Missions (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), 483-485 (484).

Os artigos 2:15 - 2.19 são adaptados de Roland Allen. John Mark Terry, "Indigenous Churches", em A. Scott Moreau ed. Evangelical Dictionary of World Missions (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), 483-485 (484).

17. As finanças da igreja são fornecidas e controladas por membros da igreja local e nacional.
18. Os novos discípulos devem ser ensinados a prestarem cuidados pastorais uns aos outros.
19. Os missionários devem encorajar e esperar que os crentes locais exerçam os seus dons espirituais livre e imediatamente.
20. Nenhum estrangeiro pode contextualizar plenamente o evangelho e a vida da igreja dentro de um contexto estrangeiro.
21. A liderança remota através do uso da tecnologia não substitui o desenvolvimento da liderança da igreja local e nacional.

Conclusão:

Os princípios da igreja indígena com poder espiritual continuam a ser fundamentais para a nossa missiologia e prática WAGF hoje no século XXI.

Viagens de curto prazo da equipa

As equipas de curto prazo têm valor quando incorporadas numa estratégia de missões de longo prazo.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação Melhores Práticas

Justificação:

As equipas de curto prazo tornaram-se bastante populares como expressão de missão em muitos países. As melhores práticas que aqui articuladas ajudarão a equipa de curto prazo a apoiar o compromisso de missões de longo prazo.

Parte 1: Diretores Gerais e Observações:

1. Quando as equipas de curto prazo se dão bem, produzem resultados saudáveis tanto para a igreja que envia como para a que recebe.

- Muitas igrejas de missões fortes acreditam que equipas de curto prazo as ajudaram a construir uma melhor visão e resposta missionária. As equipas envolvem pessoas em missões e regressam do campo com uma perspectiva e perspectiva únicas. Normalmente resultam num maior grau de entusiasmo e empenho por parte daqueles que participaram na experiência. É um grande instrumento de mobilização. As igrejas que enviam equipas tendem a enviar mais missionários.
- Muitas pessoas com uma carreira de longo prazo experimentaram uma viagem missionária numa fase formativa da sua vida, muito provavelmente como adolescentes ou jovens adultos. As viagens missionárias de curto prazo são uma ótima forma de expor as pessoas a uma potencial chamada.
- Equipas a curto prazo podem ser uma bênção para a igreja recetora, tanto expondo-as a cristãos como a leigos de outra cultura.
- As equipas de curto prazo devem apoiar e preparar o caminho para o compromisso e a experiência de missões a longo prazo. Devem ser um "meio para atingir um fim", e não um "fim em si mesmo".

3. Preocupações relacionadas com as equipas de missões de curto prazo.

- Se uma igreja ou país enviar apenas equipas de curto prazo, o povo tenderá a não ter uma perspectiva precisa das missões. Potencialmente as missões podem ser equiparadas apenas com apoio financeiro e não com o "chamamento de Deus". Muitas vezes, os participantes de curto prazo chegam a acreditar que as missões podem ser realizadas apenas com missões de curto prazo, levando a uma missiologia defeituosa.
- Outro resultado de uma igreja/país com apenas expressões de curto prazo é que só poderiam ir para onde a igreja é forte, e/ou pelo menos a funcionar. Muito provavelmente evitariam lugares difíceis que exigem um compromisso a longo prazo, ou países onde a igreja tem uma existência mínima e um país em grande parte não alcançado. Evitariam também, possivelmente, lugares que tenham barreiras linguísticas.
- Um país recetor ou igreja local que apenas recebe missões a curto prazo, pode potencialmente equiparar missões a fundos e ofertas especiais, e não respeitar o potencial ministerial ou mesmo o sacrifício daqueles que as vêm visitar.
- Muitas vezes as equipas de curto prazo não têm formação missiológica ou reflexão, o que resulta numa praxis deficiente. Pode indiretamente levar a uma desvalorização dos missionários de carreira e à necessidade de um ministério incarnacional. Pode levar indiretamente a uma diminuição da ênfase na plantação de igrejas e na proclamação em palavras e atos. (A plantação de igrejas e os discípulos levam mais de duas

semanas, dois meses, ou dois anos).

- Uma percentagem desproporcionada do orçamento das missões pode ser designada para atividades de curto prazo.
- Um foco a curto prazo pode carecer de contextualização e sensibilidade cultural, e da incapacidade de se submeter à liderança nacional.
- Evitar uma mentalidade turística entre os participantes.
- Comentário: a experiência de uma vida nem sempre se converte a uma vida inteira de compromisso.

Parte 2: Sugestões e Recomendações de Melhores Práticas para uma Implementação correta de Equipas de Curto Prazo numa Visão de Longo Prazo:

1. Incentivar a igreja de envio a dar prioridade às missões a longo prazo, incluindo o apoio financeiro centrado no envio de missionários a longo prazo.
2. Comunicar claramente as expectativas para uma viagem de curto prazo.
3. Ligar intencionalmente o curto prazo com o longo prazo. Compreender que, em última análise, os esforços a curto prazo só serão eficazes quando ligados aos missionários e às igrejas nacionais na visão e atividades a longo prazo.
4. Os missionários e as suas agências devem ter a coragem de "dizer não" a uma equipa cujo propósito não se relacione com o plano estratégico do ministério do missionário e com os objetivos da igreja nacional.
5. Dar orientação e formação à equipa a curto prazo, de modo a facilitar efeitos positivos a longo prazo. A formação deve incluir discernimento espiritual, sensibilidade cultural, e missiologia básica.
6. Criar espaço na experiência da equipa para ouvir a voz do espírito e experimentar a emancipação do espírito.
7. Proporcionar uma reunião de informação que inclua expressões práticas de um compromisso mais profundo com as missões.
8. As viagens de curto prazo devem dar prioridade ao tempo com missionários de carreira, a fim de desenvolver um compromisso de missões vitalício.
9. As equipas de curto prazo devem incorporar objetivos de discipulado missionário na experiência; portanto, uma viagem deve resultar em: maior oração, maior doação a missões de longo prazo, maior preocupação, maior testemunho pessoal, e maior empenho em missões globais.
10. Canalizar o desejo de visitar outros países e conferências para incluir também atividades de mobilização missionária.
11. Equipas de curto prazo devem começar perto da casa da sua igreja; procurar oportunidades transculturais na sua própria cidade e país para construir uma visão missionária sem o custo de uma viagem extensa.

Conclusão:

A CM do WAGF acredita que com uma perspetiva a longo prazo, informada, equipas de curto prazo podem complementar, edificar, mobilizar e beneficiar a empresa missionária e as igrejas locais e nacionais que as enviam e recebem.

Oportunidades da diáspora

A diáspora oferece oportunidades para plantar igrejas e fazer missões transculturais. As populações da diáspora podem tornar-se pontes para chegar a todos os povos.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação Melhores Práticas

Justificação:

Mesmo como Deus usou a diáspora em diferentes contextos da Bíblia para fins espirituais, assim também ele pode usar estes movimentos de pessoas hoje em dia para realizar os seus propósitos. À medida que os cristãos da diáspora migram oportunidades de plantar a igreja entre essas comunidades e para além delas, pode servir como plataforma para missões adicionais de alcance. Contudo, os movimentos de plantação da igreja resultantes da diáspora não absolvem a igreja da sua responsabilidade de enviar missionários para aqueles povos e lugares com pouco ou nenhum acesso ao evangelho.

Parte 1: Exemplos bíblicos do Propósito Espiritual de Deus através da diáspora

1. **Abraão**-Em Gn 12,1-5, Deus pediu a Abraão para "intencionalmente" migrar para outra terra, como parte da sua estratégia redentora, revelando uma grande bênção a todas as nações.
2. **José**-Como Deus usou José para salvar o mundo através de uma "nação anfitriã", José reconheceu que "Deus enviou-me aqui..." (Gn 45,4-8).
3. **Mordecai/Ester**-Mordecai e a sua sobrinha Ester faziam parte de judeus que foram "levados ao exílio" pela guerra. Esta "migração forçada", permite-lhes que as suas missões da diáspora salvem toda a "Nação Judaica" através das 127 províncias do Rei Xerxes.
4. **Daniel** - A sua influência espiritual mudou uma nação.
5. **Neemias** - O livro de Neemias ilustra como ele aproveitou a sua "posição da diáspora" para obter favores para a sua nação judaica (Ne 5,14-16).
6. **Dia de Pentecostes**-Pentecostes representa a Colheita. Esse foi o início da Colheita da Igreja. Deus escolheu nascer a igreja entre os judeus da diáspora do mundo.
7. **Perseguição da Igreja** - a perseguição do "Caminho" resultou: "foram dispersos e foram para todo o lado pregar a palavra" (Actos 8,4). "Então aqueles que estavam dispersos por causa da perseguição... viajaram até à Fenícia, Chipre, e Antioquia, pregando a palavra não falando a ninguém senão aos judeus sozinhos" (Actos 11,19). "e os discípulos foram primeiramente chamados cristãos em Antioquia" (Actos 11,26). Este povo da diáspora plantou a Igreja em Antioquia onde o movimento foi chamado pela primeira vez "cristãos". Esta igreja multicultural transitou mais tarde de uma igreja da "diáspora" para uma igreja de envio missionário.
8. Estes exemplos bíblicos fornecem fortes antecedentes históricos e argumentos teológicos a favor da criação de uma estrutura sustentável para a implantação dos povos da diáspora em missões, como estratégia complementar ao cumprimento da Missio Dei".

Parte 2: Observações de Benefícios e Desafios do Crescimento da Igreja através da Diáspora:

Existem várias características predominantes na maioria dos movimentos da diáspora, sejam elas "europeias", "latinas", "africanas" ou "asiáticas".

1. **Motivação económica:** Uma motivação primária que provoca o movimento da diáspora é económica: melhores empregos, melhores salários, melhores programas de bem-estar social. A perseguição religiosa e a violência podem muitas vezes ser outras motivações.
2. **Oportunidades de plantação de igrejas:** Uma possível oportunidade emergente da migração (quando a diáspora vem de um país com uma igreja forte) é a plantação agressiva de igrejas. Como exemplo, Londres acolhe hoje mais de 50 congregações Pentecostais romenas. Uma das maiores "mega igrejas" de Londres tem mais de 70% de imigrantes.
3. **Conforto Cultural:** Uma das tendências de qualquer movimento da diáspora é a de manter a cultura da pátria. Elas representam uma cultura dentro de uma cultura que oferece um pouco de "casa" quando as pessoas estão longe. Um dos resultados desta duplicação do "lar" como tal tende frequentemente a fazê-los estar um pouco fechados para chegarem à nova cultura e à cultura local. Para pertencer a essa igreja da diáspora, é preciso aceitar esse pacote cultural... e isto é muitas vezes um obstáculo ao evangelismo local. Para fazer parte da igreja étnica que foi plantada, deve-se adotar costumes culturais de uma cultura que é "estrangeira" para a população nacional local.
4. **Igrejas multiculturais:** Por outro lado, as igrejas da diáspora estão geralmente a tornar-se entidades bi-culturais. Elas querem manter a ligação com a sua pátria, mas ao mesmo tempo gozam dos benefícios de uma vida melhor com maiores bênçãos económicas. Tem-se observado que estão MUITO abertas à necessidade de alcançar outras culturas, devido ao seu contexto imediato. Esta abertura torna-os muito calorosos com a mensagem de enviar missionários para alcançar outras culturas.
5. **Mente Missão:** É um terreno natural e muito fértil para missões de pregação e de ensino. Como exemplo, a generosidade vista nas igrejas da diáspora romena tornou comum que os missionários romenos queiram visitar e recrutar a amizade e o patrocínio destas igrejas. Se canalizada corretamente, a igreja da diáspora pode ser uma parte vital das missões dadas através da estrutura nacional. Deve ser feito trabalho para ajudar os movimentos da diáspora a identificarem-se com a agência da missão nacional - para ensinar a visão das missões e ajudá-los a tomar medidas para se envolverem no apoio. Muitas vezes a igreja da diáspora é economicamente mais poderosa do que a igreja da pátria.
6. **Cuidado para não confiar apenas nos trabalhos da diáspora:** Por outro lado, é inerentemente fraco se os missionários apenas se esforçarem por procurar apoio das igrejas da diáspora que eles percebem ser potencialmente poderosos economicamente. Os missionários não se atrevem a ignorar as igrejas da diáspora e visam principalmente as palavras da diáspora para angariar apoio. Ambas as igrejas, "em casa" e na "diáspora", precisam de ser desafiadas a envolver-se no envio de missionários.
7. **Desenvolvimento de uma sólida estrutura de missões:** Outra característica observada é que muitas vezes uma igreja da diáspora pode ter uma natureza independente, e pode desenvolver a sua própria estrutura de envio de missões - independentemente de qualquer plano nacional organizado. Pode haver pouca governação ou compreensão missiológica nos esforços resultantes. É importante ensinar os benefícios do trabalho de equipa e da estratégia a longo prazo nas plantas da diáspora da igreja.

Parte 3: Sugestões de "Melhores Práticas" em relação às Igrejas da "diáspora":

1. **Formação missionária antes de deixar o país de origem:** As igrejas podem tentar identificar pessoas que planeiam imigrar, qualquer que seja o motivo, e dar-lhes orientações que as equipem para terem "objetivos missionários" na sua intenção planeada.
2. **Integração da diáspora da igreja nacional:** As igrejas da nação recetora devem trabalhar no sentido de integrar este "recurso de povo espiritual" em ser uma bênção no seu país.
3. **Memorando de entendimento:** No caso de pastores/missionários credenciados que vão para outro país para plantar uma "igreja da diáspora", deve haver um memorando de entendimento entre as entidades de envio e de receção, que resulte num protocolo e processo de integração.

4. **Ligação em rede:** Os missionários da diáspora devem ser capazes de trabalhar em rede com as igrejas nacionais onde pretendem abrir um ministério de extensão ou posto avançado da diáspora, mesmo mantendo a sua singularidade.
5. **Construção de pontes:** Quando não for viável integrar uma coleção de igrejas da diáspora no movimento nacional, procurar construir pontes de comunhão que possam abrir portas para a compreensão mútua.
6. **Alcance às comunidades migrantes:** As igrejas da diáspora são únicas para alcançar outras comunidades migrantes e essa força deve ser alimentada.
7. **Adaptação:** As igrejas da diáspora devem esforçar-se por se adaptarem e alcançarem a cultura do país de acolhimento.
8. **Visão missionária:** As igrejas da diáspora devem esforçar-se por ter uma visão missionária que as torne também remetentes para lugares e povos com pouco ou nenhum acesso ao evangelho.
9. **Atingir os menos alcançados:** As missões da diáspora não devem restringir-se à migração Norte-Sul (países mais abertos ao evangelho) mas devem também encorajar a migração Leste-Oeste (países menos abertos ao evangelho). Estes países, na sua maioria asiáticos, estão a começar a atrair migrantes económicos e, em muitos casos, os missionários tradicionais não podem entrar.
10. **Disciplinar a diáspora:** A plantação de igrejas entre os povos da diáspora pode ser um meio eficaz de conservar a colheita dos esforços anteriores da nação de envio.
11. **Evangelizar a diáspora:** A igreja da diáspora pode tornar-se uma tremenda igreja evangelística ao alcançar o não-culturado da sua cultura, à medida que procuram comunidade com a sua própria cultura de origem.
12. **Continuar as missões fronteiriças:** Uma igreja da diáspora não se deve tornar a única visão ou missão de alcance de uma obra nacional. Embora aproveitando as oportunidades naturais da diáspora, uma igreja nacional deve continuar a olhar para além das suas fronteiras e não sacrificar o alcance das missões tradicionais e de fronteira.

Conclusão:

As comunidades da diáspora oferecem oportunidades únicas não só para alargar o alcance da Igreja, mas também para dar acesso ao evangelho às comunidades que as rodeiam.

A Importância das Estruturas de Envio Missionário

O MC do WAGF tem como objetivo que cada movimento eclesialístico nacional desenvolva uma estrutura para enviar missionários transculturais que lhes seja apropriado.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação Melhores Práticas

Justificação:

Embora algumas igrejas locais tenham a capacidade de enviar missionários transculturais por conta própria, a maioria das igrejas locais participa em missões globais através da colaboração com estruturas de envio. Estas estruturas facilitam a ação coletiva por parte de muitas igrejas e indivíduos. Algumas interpretaram o envio de Paulo e Barnabé da rede de igrejas domésticas em Antioquia como o único modelo bíblico para todos os envios transculturais. Este documento afirma que os dados bíblicos e históricos são melhor compreendidos como mandando uma função de envio, mas permite a liberdade na escolha das formas em que esse envio tem lugar. O CG da WAGF deseja ver essa função de envio realizada através de cada movimento da igreja nacional da WAGF nas formas mais apropriadas para eles.

Parte 1: Fundamentos Bíblicos e Observações:

Uma vez que Actos 13:1-4 mostra Paulo e Barnabé embarcando no que é tradicionalmente chamado a primeira viagem missionária do seu trabalho na igreja de Antioquia, muitos argumentam frequentemente que o modelo bíblico para o envio de missionários é da responsabilidade da igreja local. A implicação deste ponto de vista considera que outras formas históricas de envio, tais como a formação de agências de envio missionário, é um compromisso pragmático e menos que bíblico. Argumentaremos aqui que em vez de limitar o envio à responsabilidade de uma igreja local, Actos e outras passagens do Novo Testamento permitem uma liberdade de forma para cumprir esta função bíblica de enviar obreiros transculturais para plantar a igreja onde ela não existe.

Primeiro, temos boas razões para pensar que a adoração e o jejum da liderança da igreja de Antioquia foi precisamente porque sentiram que tinham mais a ver com o mandato bíblico que lhes foi dado do que com a sua estrutura de uma rede de igrejas domésticas multiculturais. Arthur Glasser observa:

A característica final desta igreja missionária foi a natureza do fardo que fez com que os seus vários líderes se reunissem, não apenas para adorarem o Senhor, mas para esperarem diante dele pela revelação da sua vontade relativamente ao seu futuro serviço. Da resposta e instrução dada pelo Espírito Santo, inferimos que o seu fardo dizia respeito a um problema que eles não eram capazes de resolver como congregações localizadas. O facto de o jejum ser mencionado duas vezes (13:2-3) sublinha o seu sentido de urgência..." (Glasser 2005, 301).

A resposta do Espírito são pessoas libertadas para atravessar fronteiras geográficas e culturais para plantar a igreja. Os missiólogos notaram que aqui em Actos se vêem duas estruturas redentoras: a igreja local e a banda missionária. Deus trabalha através destas duas estruturas para trazer a salvação ao mundo através das forças únicas de cada uma. A banda missionária é mais pequena, móvel e, como se pode ver na narrativa de Actos, encarregada de plantar estruturas da igreja local onde Cristo não é conhecido.

Em segundo lugar, Actos 13:4 indica que o Espírito Santo enviou e guiou Paulo e Barnabé. A igreja de Antioquia

não dirigiu nem tomou decisões por eles. Responderam perante a igreja de Antioquia, apoiados por eles, e reportaram-lhes, mas Antioquia não dirigiu as atividades missionárias da sua equipa. O trabalho de Paulo, que Lucas segue ao longo do resto dos Actos, compreende muitos obreiros, múltiplas equipas, fontes variadas, e métodos de apoio com Paulo claramente no comando. Outros lugares no Novo Testamento dão uma ideia de como as bandas missionárias móveis foram enviadas. O verbo propempo é sempre usado em contextos de ministério cristão e com a ajuda de prover as pessoas (ver Tito 3:13 para acelerar o seu caminho, vendo que nada lhes falta; Actos 15:3 usa ekpempo; Rom. 15:24; I Cor. 16:6, 11; II Cor. 1:6 todos usam propempo com a ideia de ajudar a enviar por provisão; III João 6 fala do envio daqueles que saíram "por causa do Nome"). Assim, não se dependia de uma única igreja para enviar em termos de provisão ou para dirigir o trabalho; era antes responsabilidade de muitas igrejas em muitos lugares ajudar aqueles que saíam para proclamar Cristo enquanto a banda missionária conduzia o seu trabalho de acordo com o apelo do Espírito e a sua compreensão da Escritura.

Parte 2: Função e Forma na História do Envio Missionário: Liberdade para Desenvolver Formulários Apropriados:

Ralph Winter, da sua perspetiva de ensinar a história das missões, faz este comentário sobre a passagem dos Actos 13:

De facto, a profunda implicação missiológica de tudo isto é que o Novo Testamento está a tentar mostrar-nos como pedir emprestados padrões eficazes; está a tentar libertar todos os futuros missionários da necessidade de seguir as formas precisas da sinagoga judaica e da banda missionária judaica, e ainda permitir-lhes escolher estruturas indígenas comparáveis nas inúmeras novas situações ao longo da história e em todo o mundo - estruturas que corresponderão fielmente à função dos padrões que Paulo empregou, se não à sua forma! (Inverno de 1999, 222).

Neste entendimento, então, Actos 13 não estabelece um modelo único e único de envio missionário; pelo contrário, Lucas mostra uma função no corpo de Cristo, que alguns são encarregues de levar o evangelho através das fronteiras culturais e geográficas para plantar a igreja. Da perspetiva da história das missões cristãs, é possível que, embora as formas tanto da igreja local como do envio de obreiros transculturais tenham mudado ao longo do tempo, as funções de plantar igrejas locais, o ministério em curso na sua comunidade, e o envio de missionários para plantar a igreja onde ela não existe, tenham permanecido as mesmas. Em termos de envio missionário, a igreja não está vinculada a um único tipo de estrutura de envio; em vez disso, cada conselho nacional é livre de desenvolver estruturas que sejam as mais apropriadas para o seu estabelecimento.

Parte 3: Observações Pragmáticas sobre Estruturas de Envio:

Como esta secção constrói um caso prático a favor de uma diversidade de estruturas de envio missionário, não coloca a questão "Será um modelo mais bíblico do que o outro? Em vez disso, questiona: "Que modelo permite a participação do maior número de igrejas e pessoas, e não limita o envolvimento a apenas algumas"? Uma coisa é certa, o modelo de Deus não pretende limitar, mas sim expandir o envolvimento do maior número possível de igrejas e de pessoas na sua Grande Comissão.

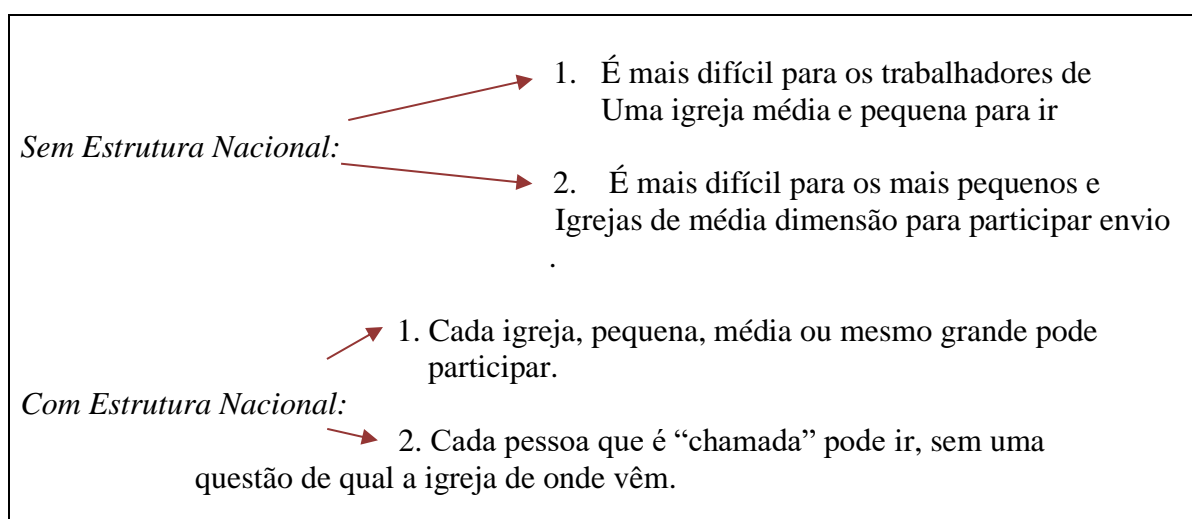
As estruturas nacionais de envio são vitais para permitir que a igreja chegue ao mundo.

1. **É a melhor forma de envolver o maior número de igrejas e de pessoas no processo de envio.** Ter um "modelo de envio de igrejas locais" limita, num sentido pragmático, o número de igrejas que podem enviar num país típico a menos de 5-10% das igrejas.
2. **É a melhor forma de assegurar que aqueles que Deus chama a igreja envia.** O que acontece a uma pessoa

de uma igreja de 50 pessoas, e Deus chama-o a ir, num sistema em que só igrejas maiores podem praticamente fazer o envio? Essa pessoa seria forçada a demitir-se e a mudar de igreja para poder facilitar a sua chamada. Um sistema que leva as pessoas a romper relações com a sua igreja local a fim de encontrar uma forma de ir certamente não é o ideal.

É preciso lembrar que a grande maioria das igrejas nas Assembleias Mundiais da Irmandade de Deus são de pequena ou média dimensão e de países com economias fracas. Isto torna mais difícil para um missionário ser enviado se não pertencer a uma grande igreja. Certamente que seria melhor ter o MAIOR e como MUITO das 370.000 igrejas da rede WAGF envolvidas, e não limitá-lo ao mínimo de 1.000 igrejas que poderiam enviar ativamente sob um modelo de "igreja local" apenas.

3. **Haverá um modelo que seja o melhor para todos? Resposta: Não, um tamanho não serve a todos.** Cada país difere de outro. Alguns países têm distritos ou regiões muito fortes, sendo a tomada de decisões delegada a eles pelo gabinete nacional. Alguns países têm distritos ou regiões mais fracas, onde o nível nacional toma a maior parte das decisões. Alguns Conselhos Gerais têm milhares de igrejas e outros têm centenas e outros têm algumas dúzias. Cada país e cada situação são únicos. Princípios e ideias podem ser aprendidos, mas cada país deve encontrar as suas próprias soluções, identidade, e estrutura únicas que sejam funcionais e funcionem para eles.



Parte 4: Os Cinco Modelos de Estruturas de Envio de Correntes Mais Comuns:

1. **Igreja local como modelo de remetente.** A igreja local envia o missionário sem a supervisão direta de uma estrutura de missões nacionais.
 - **Vantagens deste sistema:** Um missionário está diretamente relacionado com a sua igreja local e não tem a pressão de angariar fundos. Em alguns países, este pode ser o único modelo ou sistema disponível.
 - **Desvantagens:** Em muitas nações em desenvolvimento com economias mais fracas, as pequenas igrejas têm dificuldade em enviar missionários. Uma igreja local controlará a agenda missionária, que muitas vezes não produz uma igreja indígena. Além disso, aqueles que Deus chama das igrejas médias e pequenas nesses contextos podem não poder ir. De uma perspetiva internacional, se várias igrejas têm vários missionários no mesmo país recetor, em vez de "uma só voz", têm "muitas vozes" nesse país, e isso pode causar confusão e mal-entendidos em alguns contextos eclesiais nacionais.

- 2 **Estrutura/Agência Nacional de Envio com "pool" ou sistema centralizado de fundos.** É aqui que as igrejas dão a um fundo central, e esse fundo decide como os fundos devem ser administrados. Da nossa experiência, é muito difícil utilizar este modelo em situações de "arranque" na maioria dos países de "novo envio".
 - Vantagens deste sistema: O missionário tem menos pressão na angariação de fundos.
 - Desvantagens deste sistema: as igrejas dão a um escritório e não a uma pessoa e estão potencialmente menos motivadas para o fazer.
- 3 **Estrutura/Agência Nacional de Envio com igrejas a dar especificamente para o missionário.** Uma estrutura nacional com uma comissão ou comissão em funcionamento toma decisões em aprovação dos candidatos a missionários, e a estrutura de apoio e envio dos mesmos. Existe um fundo central e os fundos são canalizados através da agência de missões, mas ao contrário do sistema de pool, as igrejas designam as suas ofertas a missionários individuais e normalmente uma pequena percentagem (5 a 10%) destes fundos cobre o orçamento administrativo da agência.
 - Vantagens: Potencialmente todas as igrejas podem participar, e cada "chamada" pode ser considerada para ir. As igrejas têm mais motivação para apoiar o missionário porque têm um interesse pessoal em dar a esse missionário. No entanto, ainda existe responsabilidade e estrutura.
 - Desvantagens: A responsabilidade de aumentar o orçamento recai em grande parte sobre o missionário. Embora a sua igreja local possa ser capaz de fornecer uma grande percentagem do orçamento do seu missionário. Quando não pode, o missionário tem de aumentar o seu orçamento quando chega a casa em "licença ou deputação".
- 4 **"Híbrido" de uma Estrutura/Agência Nacional de Envio combinando o trabalho com a igreja local.** Este é um modelo de estrada para países com fortes igrejas enviadoras locais, mas que também precisam ou querem algum tipo de estrutura nacional. A agência aprova, coordena, e é um contacto e "voz" para os países recetores, mas a igreja local tem participação e voz em decisões importantes. Alguns países latinos e europeus já o fizeram. Têm um departamento nacional, mas permitem à igreja local participar na informação e em decisões importantes, se assim o desejarem. No entanto, a igreja local não controla o missionário. Para a igreja recetora, o departamento e o país enviam o missionário, e não apenas uma igreja local.
- 5 **Uma rede de igrejas enviadoras fortes.** Isto serve como um modelo potencial para países onde existem muitas igrejas autónomas grandes e fortes. Também se aplica como um modelo potencial para lugares que têm uma estrutura eclesial nacional fraca, onde a maior parte do processo de tomada de decisões tem lugar a nível da igreja local. Ainda não vimos uma implementação deste modelo, mas ele serviria como um nicho único e algo que seria um potencial híbrido e ponte, fornecendo algum tipo de alternativa a um "modelo de igreja local como remetente".

Neste modelo, a estrutura de envio de missões serve como "rede" e coordenador entre igrejas de envio (grandes) ou distritos (muito autónomos). Isto poderia também servir como um modelo potencial com distritos muito organizados e autónomos ou a igreja local faz coisas a nível distrital, não a nível nacional.

Parte 5: Melhores Práticas em matéria de Estruturas de Envio:

1. Quando a igreja nacional desenvolve uma estrutura, a estrutura deve servir a visão e não a visão servir a estrutura. As estruturas nacionais de envio devem esforçar-se por ser relevantes, e perceber que a estrutura só é benéfica se resultar no crescimento e resposta do trabalho nacional na resposta ao envio de missionários.
2. A expectativa para os missionários do modelo de envio da igreja local é que eles deliberadamente trabalhem em rede com o corpo de Cristo no seu país de serviço. O trabalho em rede no país de origem com outros enviadores da igreja local também ajudará na partilha de recursos e informações que possam

beneficiar mutuamente todos os remetentes da igreja local.

3. No desenvolvimento das estruturas de envio, procurar maximizar o envolvimento do maior número possível de membros e igrejas locais em oração, doação e ida.
4. No desenvolvimento de estruturas de envio, procurar capacitar os missionários para serem bem-sucedidos nos campos de serviço, sendo uma ponte entre os remetentes, os recetores, e os enviados.
5. As estruturas de envio missionário precisam de permitir à equipa missionária tomar decisões baseadas em princípios missiológicos e não ser limitadas pelas agendas ministeriais e pela filosofia da igreja base de envio.
6. Na tomada de decisões sobre os métodos de envio, não se deve ser guiado apenas por considerações económicas.
7. Uma estrutura dedicada a missões transculturais deve ser distinta da estrutura de plantação de uma igreja doméstica. A história tem mostrado que quando as missões transculturais se combinam com "missões domésticas", as missões transculturais são sempre negligenciadas.

Conclusão:

As estruturas de envio de missões da rede WAGF facilitam a participação de todos os conselhos gerais A/G, igrejas, e membros, para participarem na Grande Comissão.

Cuidados aos membros

O cuidado dos membros é uma componente essencial da nossa estrutura de envio, incluindo estratégias e opções de resposta numa situação de crise.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação Melhores Práticas

Justificação:

O bem-estar de um missionário é um elemento essencial para um serviço eficaz a longo prazo no terreno. Uma estratégia de cuidado saudável dos membros de uma agência irá responder às necessidades espirituais, emocionais e físicas do missionário.

Parte 1: Observações:

O missionário é o bem mais valioso de qualquer agência de envio missionário. Embora o apelo de Deus seja primordial, exigindo uma vontade de dar tudo pela causa, reconhecemos a necessidade de um cuidado holístico do pessoal missionário.

Os precedentes bíblicos de "cuidado de membros" podem ser exemplificados pela interação entre a igreja Filipina e Paulo, ao enviar Epafras para ministrar às necessidades de Paulo.

Acima de tudo, o "cuidado de membros" reconhece que os enviados são "seres humanos", com necessidades espirituais, físicas e emocionais que frequentemente podem ser multiplicadas no stress e complicações de muitos campos missionários.

Parte 2: Melhores Práticas Recomendadas para os Cuidados aos Membros:

1. Cada estrutura de envio de missões deve ter "cuidados de membros" como uma das componentes essenciais da sua estrutura interna.
2. Os cuidados aos membros devem incluir formação e prática em "autocuidado", cuidados dentro da equipa ministerial, cuidados pastorais, cuidados profissionais quando necessário, e cuidados em caso de incidentes críticos em caso de emergência.
3. Desenvolver ou melhorar uma estratégia intencional para apoiar os missionários na oração contínua. Além disso, a liderança da agência missionária deve banhar os candidatos em oração, ficando atrás deles perante o Senhor.
4. As agências de missões, bem como as igrejas locais, devem manter uma comunicação contínua e regular. Hoje em dia, com tecnologia moderna, podem manter uma comunicação regular com o missionário. A comunicação permite ao missionário saber tanto que alguém se preocupa com ele como se mantém atrás dele em oração. As agências devem preparar um formulário que faça perguntas relativas à saúde missionária, ministério, preocupações, crescimento espiritual, etc. Atualmente, a comunicação pode ajudar a aliviar a solidão de um missionário e dar uma visão das suas áreas de necessidade.
5. Cuidar dos missionários nas áreas básicas de autocuidado (emocional, físico e espiritual), cuidados familiares, e cuidados de equipa (companheiros missionários que trabalham no campo) ajudará a encorajar a sua longevidade no serviço. O cuidado dos membros tem muitas facetas e varia radicalmente de país para país. Muitas das sugestões seguintes requerem um esforço económico que pode parecer avassalador.

Mesmo para aqueles que estão a começar a desenvolver estratégias de "envio", as seguintes questões devem ser consideradas por cada estrutura de envio de missões.

- É necessária alguma forma de seguro de saúde para todos os trabalhadores a longo prazo.
 - Se o seu país de origem tiver uma prestação de cuidados de saúde no contrato de trabalho, isso normalmente exige que estejam fisicamente presentes no seu país (regresso a casa) para poderem beneficiar. Neste caso, será que os missionários precisam de regressar à sua terra natal para cuidados básicos, parto, ou crises médicas graves?
 - No local, em muitos países, existem planos de saúde privados e internacionais aos quais os trabalhadores podem aderir pagando taxas mensais. Existem planos de saúde locais no terreno de serviço a que podem aderir? Quanto é que vai custar?
 - Pode ser que a nação de acolhimento ofereça um plano nacional de saúde que possa ser utilizado por eles. Tudo isto varia de país para país, mas um plano viável deve ser elaborado de acordo com a situação.
 - Como deve uma agência lidar com situações de saúde de emergência? Pode a emergência ser tratada localmente e financiada pelo seguro do país de origem, pode a agência comprar um seguro de evacuação ou ter um fundo que permita a viagem de emergência de regresso ao país de origem para os cuidados necessários. Uma sugestão é deduzir uma percentagem do apoio dos missionários para a sua tarifa aérea de regresso, bem como a estrutura das missões deve ter "poupanças de emergência" para poder responder a necessidades críticas.
 - Programas de Reforma - Há benefícios do programa de reforma na pátria? O que é oferecido para aqueles que podem viver fora das suas fronteiras?
 - O reconhecimento da agência/grupo de envio como uma ONG no país de origem pode oferecer a possibilidade de contratos de trabalho legais e benefícios nacionais. A agência de envio é legalmente reconhecida pelo governo local?
 - Em caso afirmativo, é oferecido um plano nacional de pensões em muitas nações. Podem os missionários fazer parte desse plano enquanto vivem fora do país? Será que isto requer um contrato de trabalho?
 - Um contrato de trabalho-os missionários precisam de um contrato de trabalho para terem o reconhecimento governamental na terra de serviço?
 - Reforma- Existe um fundo nacional de pensões? A igreja nacional dispõe de um fundo de pensões no qual a agência possa participar?
6. Fundos de crise - Para ajudar potencialmente a evacuar os missionários de crises, uma parte do apoio das estruturas das missões poderia ser designada para um "fundo de crise", para cuidados e apoio para além da emergência real. Exemplos: para oferecer oportunidades de debriefing e/ou aconselhamento após eventos de Stress Pós-Traumático. O que faz a agência de missões para ajudar os missionários a reajustarem-se quando regressam ao país?
 7. Aproveita o trabalho em rede e os eventos com outras agências para descobrir que políticas e materiais puseram em prática.
 8. O cuidado dos membros envolve por vezes uma intervenção de crise que consiste em ajudar os missionários a lidar com eventos traumáticos, questões familiares e de luto, bem como serviços de aconselhamento em matéria de recursos.
 9. Visitas - Recomenda-se que haja visitas pastorais de líderes ou representantes da agência de missões numa base periódica, bem como o encorajamento do mesmo por parte da igreja local.

Conclusão:

As agências e estruturas missionárias precisam de incluir intencionalmente o cuidado dos membros na sua supervisão do pessoal missionário.

Rede onde não há Igreja Nacional

O trabalho em rede entre as entidades de envio do WAGF procura plantar igrejas locais indígenas, com o objectivo a longo prazo de desenvolver um movimento eclesialístico nacional indígena.

Original preparado em Janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação Melhores Práticas

Justificação:

Mesmo enquanto Paulo agrupou igrejas (por exemplo igrejas na Macedónia, Achaia e Judeia), e enquanto crentes individuais precisam de comunhão nas igrejas locais, as igrejas locais precisam de comunhão umas com as outras. As entidades de envio do WAGF devem trabalhar em rede a fim de plantar igrejas locais indígenas que resultem numa organização nacional. Uma organização nacional permite que as congregações locais celebrem com outras congregações de fé semelhantes, proporcionando encorajamento, correção e participação em atividades que as liguem à missão de Deus no mundo.

Parte 1: Desafios e Realidades do Trabalho num País sem Trabalho Nacional Reconhecido:

1. Em países onde existe uma igreja nacional reconhecida, o trabalho inicial torna-se uma "câmara de compensação" para receber obreiros de diferentes entidades do WAGF, motivando a unidade entre os distintos países de envio, e evitando o potencial de criar múltiplas expressões de igrejas A/G entre esse povo ou país.
2. Os cenários atuais incluem contextos em que existem trabalhadores de A/G de vários países de envio no mesmo país, trabalhando onde não existe uma igreja nacional, mas que não se ligam entre si. Por vezes, isto tem resultado em vários países de envio terem as suas próprias redes e contactos antes de se "conhecerem" uns aos outros. Uma vez que estas "expressões" iniciais da igreja podem ser bastante diferentes umas das outras, torna-se muito difícil fundi-las umas com as outras.
3. Na ausência de um trabalho nacional reconhecido ou mesmo legal, é mais difícil ligar em rede trabalhadores de vários países de envio, e existe um potencial de confusão não só entre os diferentes trabalhadores, mas também entre quaisquer crentes nacionais que possam ser seus discípulos. É pouco saudável iniciar múltiplos trabalhos nacionais independentes uns dos outros. Se todas as entidades de envio do WAGF tiverem um objetivo comum de trabalhar para uma única igreja nacional, isso promoverá a unidade e facilitará a plantação de igrejas entre esse povo e para além dele.

Parte 2: Melhores práticas para o trabalho em rede entre agências de envio, para a formação de uma "Igreja Nacional":

1. Afirmar que "igrejas domésticas" pode ser uma expressão válida do corpo de Cristo e um modelo tradicional da igreja (edifícios, governo/ reconhecimento legal) não invalida o "corpo de Cristo" para esse contexto e situação.
2. Afirmar e esforçar-se por ter comunicação e trabalho em rede entre diferentes expressões, à medida que se tornam conscientes umas das outras.
3. Se uma agência de envio vai entrar num país sem trabalho reconhecido a nível nacional, deve comunicar com a liderança das Missões do WAGF para descobrir que outros países ou expressões possam já estar a trabalhar nessa área. Se for viável, não iniciar uma nova expressão sem uma tentativa de trabalhar com outros que já lá se encontram.

4. Considerar equipas multinacionais de plantação de igrejas sempre que possível. (Os mortos vivos podem fornecer um plano e modelo para isto).
5. Quando um novo campo tem vários trabalhadores de vários países, e estes trabalhadores têm consenso para tentar algum tipo de rede ou organização entre eles, certifique-se de que é "natural", e que todos os envolvidos têm aceitação mútua e podem trabalhar confortavelmente em conjunto.
6. As igrejas internacionais podem ser um instrumento para evangelismo e plantação de igrejas em alguns contextos. Contudo, não devem ser um trabalho "independente", mas esforçar-se por se ligarem e trabalharem em rede com outros no corpo de Cristo naquele país.
7. Um modelo possível para países com restrições governamentais é organizar-se a nível nacional e aderir ao WAGF, mesmo quando esse trabalho não tem reconhecimento legal por parte do governo.
8. Os contextos sem igreja nacional ocorrem em parte porque estes contextos têm sido historicamente "resistentes" ao alcance do evangelho. A fim de formar uma igreja nacional, as entidades do WAGF que trabalham nesse contexto terão de cooperar e trabalhar em rede, reconhecendo ao mesmo tempo que a formalização de uma igreja nacional levará tempo a desenvolver-se.

Conclusão:

Só porque um país tem desafios em ter uma obra nacional legalmente registada, isso não deve ser um impedimento para ter uma visão para uma igreja nacional. Devem trabalhar para essa possibilidade, reconhecendo que as circunstâncias podem mudar, o que permitiria a emergência de uma "obra nacional".

Formação missionária

Para desenvolver programas de formação missionária eficazes é necessário identificar os princípios missiológicos e as competências missionárias seguidos pelo desenvolvimento, implementação e avaliação de modelos e processos de formação missionária.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação Melhores Práticas

Justificação:

Os processos de formação missionária são meios utilizados pelo Espírito Santo para capacitar os missionários a cumprir o chamado pessoal e empresarial de Deus para fazer discípulos de todas as nações. A formação melhora a eficácia missionária, a longevidade, e reduz o desgaste evitável.

Parte 1: Observações Gerais:

1. Jesus, o Mestre professor, dedicou três anos a treinar os seus missionários, os apóstolos, proporcionando uma educação teológica prática e de alta qualidade. Se os apóstolos necessitavam de formação, a importância da formação dos missionários de hoje deve ser priorizada.
2. Toda a formação missionária deveria conduzir a um amor e relacionamento mais profundos com Jesus, maior dependência do Espírito, comunicação mais eficaz do evangelho aos perdidos, e um compromisso crescente com a plantação e o cultivar da igreja. Crítica para o ministério missionário é a competência aprendida de discernir a direção divina e responder em obediência, tal como foi habilitado pelo Espírito. Como o chamado de cada missionário é único, toda a formação missionária deve ser personalizada para equipar o missionário como um aprendiz ao longo da vida para cumprir esse chamado. Toda a formação missionária deve ser totalmente pentecostal em conteúdo e forma.
3. As competências missionárias incluem, entre outras: saúde espiritual, emocional, relacional e física; conhecimentos e práticas bíblicas, teológicas e missiológicas, aptidões em adaptação cultural e comunicação, aprendizagem de línguas e contextualização; vida familiar e em equipa e cuidados com os membros; desenvolvimento e treino de liderança; aptidões de mobilização missionária; aptidões específicas de ministério (por exemplo, evangelismo, plantação de igrejas, guerra espiritual, aconselhamento, educação, ajuda e desenvolvimento); e aptidões práticas de vida. Para desenvolver estas competências, a formação deve integrar formação prática e académica utilizando múltiplos modelos de formação no processo de envolvimento do missionário na aprendizagem ao longo da vida, incluindo pré-campo, no campo, no ministério, e experiências de aprendizagem profissional para corresponder às necessidades missionárias, de agência, eclesiais e de campo.
4. A formação dos missionários reconhece o impacto da cultura e do contexto na aprendizagem. Por exemplo, a cultura ocidental enfatiza conceitos, políticas e procedimentos, enquanto muitas culturas não ocidentais se concentram nas relações, competências sociais, e vida familiar. Ambos os aspetos são importantes. Os missionários enfrentam diferentes tipos de guerra espiritual. Em alguns contextos, a atividade demoníaca é explícita; noutros, mais subtil. Os missionários vindos de outros continentes para a Europa precisam de estar preparados para enfrentar um contexto pós-cristão ou mesmo Anticristão.
5. Todo o povo de Deus necessita de formação missiológica para que a visão e o empenho missionário saturem todas as igrejas locais, desde as crianças aos idosos.
6. Toda a formação teológica e ministerial deve ser baseada em fundamentos missiológicos bíblicos.

Parte 2: Questões iniciais de formação missionária para as agências de envio:

1. Quem precisa de formação?

Todos os membros do povo missionário de Deus, incluindo os missionários:

- Todos os participantes da igreja local de todas as idades, líderes da igreja local e nacional, executivos de missões, mobilizadores de missões, e formadores missionários da igreja enviada (ou seja, os remetentes e apoiantes),
- o missionário (ou seja, o enviado), e
- todos os participantes da igreja local, líderes da igreja local e nacional, executivos de missões, mobilizadores de missões, e formadores missionários da igreja receptora, caso exista (isto é, a entidade da parceria).

2. Que tipo de formação?

- O conteúdo e a prestação da formação missiológica devem ser contextuais, alinhados com as necessidades de aprendizagem dos estudantes. Todo o povo missionário de Deus precisa de ser capaz de ler a Bíblia como a história missionária de Deus e identificar o seu papel e responsabilidade na narrativa de Deus, incluindo a sua participação individual e empresarial no envio e apoio aos missionários através da oração, doação, e outras atividades.
- Os missionários precisam de estar equipados com as competências identificadas em 1.3. acima e treinados para o seu chamado e tarefa específicos, incluindo formação especializada em ministérios (por exemplo, tradução da Bíblia, plantação de igrejas, desenvolvimento de liderança, meios de comunicação social, desporto, arte, Negócios como Missão).
- A formação para parceiros em missão (remetentes e recetores juntos) cria uma visão comum sob a liderança do Espírito Santo, e a compreensão do papel das estratégias e objetivos. A parceria requer uma boa compreensão mútua e a criação de objetivos comuns que emergem através de um diálogo eficaz no processo de formação mútua.

3. Quem proporciona a formação?

Entidades diversas a vários níveis: igreja local, departamento de missão/organização de missões, instituição de formação teológica/missiológica, e outros parceiros em missão, incluindo entidades colaboradoras no terreno.

4. Qual deve ser a duração da formação?

Os requisitos relativos à duração da formação dependem do tipo e duração do ministério. Um trabalhador de curto prazo não requer a mesma formação que um trabalhador de longo prazo. Aqueles que servem para completar alguma tarefa prática podem não necessitar de formação tão sólida como os missionários envolvidos na plantação de igrejas e no ministério de educação bíblica. A preparação para a participação numa equipa ministerial de curto prazo pode requerer apenas alguns fins-de-semana. Outras tarefas de curto prazo podem requerer várias semanas de formação. O serviço missionário de longo prazo requer formação ministerial, teológica e missiológica, incluindo um curso especial de estudo para candidatos a missionários que pode levar semanas ou anos a completar. A formação de parceiros em missão para construir uma estratégia comum que resulte, em última análise, em que os recetores se tornem remetentes pode ser realizada através de diálogo aberto contínuo e através de pequenos seminários ou sessões de formação que devem ocorrer periodicamente (por exemplo, mensalmente, anualmente).

Parte 3: Melhores Práticas para Programas de Formação de Missionários: ⁶

1. **Identificação de Necessidades** - O programa de formação missionária deve identificar regularmente as necessidades dos alunos, as necessidades da organização e todos os envolvidos no processo de formação, a fim de adaptar o programa às necessidades e ministério dos alunos.

⁶ Estas melhores práticas, com algumas modificações, emergem da "Avaliação da Formação Missionária": An Instrument for Evaluating and Improving Training Programs" In Integral Ministry Training Design and Evaluation, editado por Robert Byrnjolfson e Jonathan Lewis, 198-201. (Pasadena, CA: Biblioteca William Carey. 2006) 198-201.

2. **Alinhamento** - O programa de formação missionária deve alinhar consistentemente os seus métodos e conteúdos para corresponder à missão, valores e visão da igreja/agência enviadora, da igreja nacional, e das Assembleias Mundiais da Irmandade de Deus e reajustar-se à medida que as mudanças ocorrem. Para facilitar o alinhamento, a liderança de formação missionária precisa de ter acesso a decisores chave e liderança executiva.
3. **Valores Fundamentais** - O programa de formação de missionários deve criar um ambiente que permita intencionalmente aos missionários e formadores missionários:
 - Experienciar a direção espiritual, modelagem e participação nas disciplinas espirituais incluindo o discernimento da voz de Deus em oração, na Palavra, e na comunidade, e
 - experimentar a emancipação do Espírito, vivendo em total dependência de Deus para a vida e ministério, caminhando na intimidade e plenitude do batismo do Espírito Santo, e promovendo o exercício dos dons espirituais e sinais e maravilhas em todas as fases do treino. Os formadores demonstram humildade, adesão a princípios bíblicos e missiológicos sólidos, uma história de obediência à direção do Espírito e dependência do Espírito - empoderamento tanto no ensino como no ministério, e um compromisso de criar um ambiente de aprendizagem seguro e "cheio de graça" que constrói comunidade e proporciona oportunidades de crescimento na vida espiritual pessoal e empresarial.
4. **Desenho de Formação** - O programa de formação missionária emprega teoria e métodos de aprendizagem de adultos, respeitando as capacidades e os antecedentes do aprendente. A formação baseia-se numa avaliação bíblicamente fundamentada e dirigida pelo Espírito dos conhecimentos, aptidões e carácter de missionários eficazes. As atividades de aprendizagem ajudam os aprendentes a desenvolver a capacidade de crescimento dos conhecimentos, aptidões, e carácter para o ministério ao longo da vida. O âmbito do programa assegura a formação para todos os níveis e papéis na organização. Os formadores modelam a sensibilidade transcultural em métodos e modos de formação, são obrigados a ser aprendizes ao longo da vida, a crescer intencionalmente em conhecimentos e competências, e a envolver-se ativamente no ministério para além do programa de formação. Os valores da formação são tornados claros no processo de ensino/aprendizagem.
5. **Gestão de Recursos** - O programa de formação missionária faz uso cuidadoso de recursos espirituais, humanos e financeiros, medindo a relação custo-eficácia da formação em comparação com um melhor desempenho ministerial. Técnicas e recursos de formação são partilhados mutuamente com outros formadores e organizações, a fim de colaborar com redes WAGF, igrejas recetoras, equipas recetoras, igrejas enviadoras, agências e escolas.
6. **Estratégia de Avaliação** - O programa de formação missionária tem um plano de avaliação claro, mensurável e viável, avaliando regularmente o programa em termos de aprendizagem, comportamento e resultados organizacionais, avaliando em que medida a formação contribui para a eficácia pessoal e organizacional. A avaliação dos aprendentes vai além do conhecimento apenas para medir competências e carácter, revendo vários elementos do programa, incluindo tempo, sistema de entrega, acessibilidade, facilidade de utilização, e administração de recursos organizacionais, a fim de fazer melhorias no programa.
7. **Responsabilidade** - O programa de formação missionária contém procedimentos de prestação de contas a todos os que estão envolvidos no processo de formação sobre a eficiência e eficácia do programa, incluindo uma revisão por um painel de pares.

Conclusão:

Devido à natureza dinâmica da empresa missionária e à mudança das necessidades dos missionários, os programas de formação missionária têm de se ajustar e mudar continuamente para serem eficazes. Isto, mantendo-se fiel à verdade bíblica, aos princípios missiológicos universais, e à necessidade de equipar aqueles que Deus chama e capacita para o serviço missionário, para que cada povo e cada pessoa tenha acesso a Cristo; Salvador, Curador, Baptizador, e Rei que em breve chegará.

Seleção e Reconhecimento Missionário

Principais medidas práticas para as agências para endossar e nomear novos candidatos missionários.

Original preparado em janeiro de 2020 em Londres pela WAGF Grupo de Ação Melhores Práticas

Justificação:

As agências missionárias devem servir um propósito de identificar, examinar, afirmar e apoiar o chamamento de Deus de novos obreiros missionários perante a igreja nacional.

Parte 1: ímpeto bíblico: Definindo o Desafio:

O conceito da urgência da colheita e a necessidade de colheitadeiras é claramente comunicado na Bíblia.

1. Mateus 9:35-38: Os trabalhos são poucos e devemos rezar pelos operários. Ambos foram de grande preocupação para Ele.
2. Mateus 20:1-7: Ele procura envolver a força de trabalho e há um sentido de urgência na hora do dia e aproveitando o tempo para a colheita.
3. João 4:35: Vendo a urgência da colheita.
4. Mateus 24:14: O sentido de encerramento relacionado com a colheita e a escatologia.

Parte 2: Observações para o Recrutamento e Seleção:

1. **As agências precisam de ter uma mudança de paradigma no recrutamento missionário.**
 - Há uma grande urgência. A Igreja pode prejudicar toda a colheita se não *envolver todos os trabalhadores, de todos os povos, para todos os lugares, a toda a hora.*
 - A tarefa aqui, portanto, é criar a plataforma e a estrutura para "desencadear" toda a força de colheita da Igreja, envolvendo-a estrategicamente, e **removendo todos os obstáculos** para o efeito.
2. **Crítérios de recrutamento missionário.**
 - Ao avaliar o processo, devem ser tidos em consideração os seguintes aspetos:
 - Relação-Relação com Cristo, a Igreja, o cônjuge, a família, e os líderes. Será que o candidato demonstra os frutos do Espírito nas suas relações?
 - Formação - O candidato deve demonstrar competência não só na formação secular, mas também teológica, missiológica, profissional, e também potencialmente mentor.
 - Chamado/Paixão - Os candidatos devem mostrar evidência do seu chamamento e paixão através do alcance do perdido e do seu chamamento reconhecido pelos líderes espirituais. Devem também mostrar afirmação aos mandatos da Grande Comissão.
 - Espiritual/Moral/Emocional-Candidatos devem demonstrar estabilidade e consistência na disposição espiritual, moral e emocional. As missões pentecostais exigem que os candidatos sejam preenchidos com o Espírito Santo. Os candidatos devem ter um estilo de vida devocional e uma disposição emocional sólida. Não devem estar em dívida no momento da nomeação. Os candidatos devem ser emocional e mentalmente sãos, não tendo qualquer forma de incapacidade psiquiátrica ou física (exceto se permitido pela autoridade médica competente).
3. **Estudo de caso de um país sobre como aprovam um missionário.**

- Segue-se um modelo implementado por alguns países.
 - Passo 1: Se casados, ambos os cônjuges devem ser chamados. Então o solteiro ou o casal devem receber a aprovação do seu pastor local, da liderança da secção, e/ou do presbitério distrital antes de poderem candidatar-se à agência de missões.
 - Passo 2: O candidato missionário escreve ou contacta o diretor da agência de missões indicando a sua chamada para missões e obtém aprovação para continuar o processo.
 - Passo 3: O candidato missionário submete uma candidatura formal com o seu currículo educacional à agência de missões e ao conselho de missões.
 - Passo 4: A direção das missões examina e entrevista o candidato (solteiro ou casal). O processo de triagem determina se o candidato cumpriu todos os critérios pessoais e educacionais. A entrevista continua o processo de rastreio.
 - Passo 5: O conselho das missões recomenda o candidato ao comité executivo para nomeação.
 - Passo 6: O diretor de missões leva o missionário nomeado para o campo designado e supervisiona o seu trabalho.

Deve ser entendido que cada país deve desenvolver o seu próprio protocolo.

Parte 2: A importância tanto da Estratégia como da Dependência da Orientação do Espírito Santo:

1. A base da herança Pentecostal é a dependência do Espírito Santo. A maioria dos primeiros missionários não tinha uma formação excelente, ou talvez não satisfizesse os requisitos de hoje, mas tinham um apelo de Deus e isso levou-os a pagar um preço e a demonstrar um grande empenho.
2. Embora uma entidade de envio missionário pudesse ter um foco ou prioridade em certos países ou grupos de pessoas não alcançadas, etc., ainda deveria haver uma consideração do chamado pessoal e da convicção que um candidato missionário deve ter. Na medida das suas capacidades, um candidato não deve ser recusado apenas porque o seu fardo ou apelo não coincide com as prioridades de um país (o que não significa que a pessoa não deva ter de defender o seu apelo e ser capaz de convencer os outros da sua genuinidade).
3. Os líderes de uma entidade de envio missionário devem rezar continuamente pela orientação do Espírito Santo. Ele chamará pessoas que a liderança de missões pode não ter chamado, e tem uma estratégia que a liderança de missões pode não ter implementado ou considerado.
4. A dependência do Espírito Santo não significa que a liderança de missões não deva procurar ter uma estratégia, e também fazer planos, tanto a curto como a longo prazo, e objetivos, que fariam parte da sua visão.

Parte 3: Melhores Práticas de Seleção, Recrutamento, Mobilização e Endosso:

1. É importante que a agência de missões tenha uma política por escrito (um Manual de Missões), que deixe claro o caminho para que os potenciais candidatos ao caminho se tornem missionários.
2. É importante que a agência de missões tenha uma política por escrito internamente das suas exigências e que os potenciais candidatos estejam cientes dessas exigências.
3. É igualmente importante que haja um grau de flexibilidade, para se poder responder à orientação do Espírito Santo em situações únicas.
4. É importante que os países aprendam uns com os outros (trabalho em rede), mas não devem "copiar" as exigências dos outros países porque cada país é único.
5. Evite criar obstáculos desnecessários que são difíceis de ultrapassar. Por exemplo, num país pode demorar dois anos a ser ordenado, e noutro país dez. A exigência, portanto, da necessidade de ser "ordenado" pode tornar proibitivo tornar-se um missionário. As intenções

pode ter sido bom em ter a exigência, mas pouco ambicioso em compreender o impacto que terá nos potenciais candidatos.

6. Seria bom ter várias categorias missionárias para que os candidatos, por exemplo, que tenham maturidade espiritual, mas não a educação escolar bíblica, pudessem ser autorizados a servir.
7. Reconhecer que o Espírito usa múltiplos meios para iniciar, nutrir, e confirmar o chamado ao serviço missionário. Por exemplo, Paulo "recrutou" Timóteo para se juntar à banda missionária.
8. O processamento de cada candidato é único, exigindo discernimento espiritual por parte da liderança para determinar se os obstáculos ou circunstâncias justificam a sua não aceitação como candidato.

Conclusão:

O Espírito Santo deseja urgentemente deslocar todos os operários para o campo de colheita. A estrutura de envio de missões deve facilitar o processo de mobilização e seleção de missionários, de modo a minimizar os obstáculos.